



norteENERGIA
USINA HIDRELÉTRICA BELO MONTE

**CAPÍTULO 2 – ANDAMENTO DO PROJETO BÁSICO AMBIENTAL COMPONENTE
INDÍGENA**

**ANEXO 8.2.3.2.3 - 1 - MONITORAMENTO DA CAÇA E
DA PESCA NA TI PAQUIÇAMBA**

**CAPÍTULO 2 – ANDAMENTO DO PROJETO BÁSICO AMBIENTAL DO
COMPONENTE INDÍGENA**

**8.2.3.2.3 - 1 – MONITORAMENTO DA CAÇA E DA PESCA
NA TI PAQUIÇAMBA**

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. METODOLOGIA.....	4
3. RESULTADOS	9
3.1. MONITORAMENTO DA PESCA.....	9
3.1.1. As Pescarias da Ti Paquiçamba.....	9
3.1.2. A produção total.....	11
3.1.3. A produção por período hidrológico.....	16
3.1.4. Produção por etnoespécie	17
3.1.5. Produção por hábito alimentar	24
3.1.6. Produção das principais etnoespécies	25
3.1.7. Produção por arte de pesca e tipo de deslocamento.....	29
3.1.7.1. Artes de pesca.....	29
3.1.7.2. Arte de pesca x etnoespécie.....	30
3.1.7.3. Por deslocamento.....	32
3.1.8. Estrutura da comunidade	34
3.1.9. Frutas associadas a pesca.....	39
3.1.10. Cpue.....	40
3.1.10.1. Cpue Total.....	40
3.1.10.2. Cpue por arte de pesca	42
3.1.11. Pesca de gelo.....	43
3.1.12. Pesca Ornamental.....	45
3.1.13. Captura de tracajás	47
3.1.13.1. Produção de tracajás.....	48
3.1.13.2. Produção de tracajás por arte de pesca	49
3.1.13.3. Produção de tracajás por tipo de deslocamento	51
3.1.13.4. Esforço e Cpue.....	52
3.1.13.5. Estrutura populacional	53

3.2.	MONITORAMENTO DA CAÇA.....	55
3.2.1.	O Número de Caçadas.....	55
3.2.2.	A produção das caçadas.....	56
3.2.3.	Produção por espécie	58
3.2.4.	Produção por tipo de arma e/ou estratégia.....	59
3.2.5.	Produção por deslocamento.....	60
3.2.6.	Produção de acordo com a atividade principal do caçador.....	61
3.2.7.	Os locais de caçada.....	61
3.2.8.	Esforço e CPUE	62
4.	CONCLUSÕES.....	64

1. INTRODUÇÃO

Este relatório tem por objetivo apresentar e discutir os resultados do monitoramento participativo da pesca e da caça na Terra Indígena Paquiçamba. O relatório abrange o período de maio a novembro de 2016. O monitoramento participativo da pesca e caça na TI Paquiçamba envolve o registro voluntário e o monitoramento acompanhado das atividades de pesca e caça nas três aldeias da TI.

A sessão de apresentação dos resultados do presente relatório está dividida em duas partes. A primeira parte apresenta todas as análises referentes às atividades de pesca e a segunda parte as análises relacionadas com as atividades de caça.

2. METODOLOGIA

O desenho metodológico do programa de monitoramento participativo da pesca e caça para a TI Paquiçamba tem seguido as seguintes etapas: 1) contato inicial e reuniões com as comunidades para o compartilhamento de informações sobre o PBA e planejamento do programa de monitoramento; 2) realização de entrevistas semiestruturadas em cada unidade domiciliar com homens e mulheres acima de 16 anos de idade (operacionalização do critério de representatividade e inclusão); 3) formação e treinamento de monitores indígenas; 4) implementação de atividades de monitoramento acompanhado; 5) estabelecimento e avaliação de indicadores para participação da comunidade e para as ações de monitoramento ambiental (oficinas de cenários) e 6) avaliação periódica e redirecionamento de ações.

Devido à importância da sazonalidade para as atividades de caça, pesca e coleta do Povo Juruna, foram estabelecidos quatro períodos hidrológicos para as atividades de monitoramento e avaliação periódicos, com duração de aproximadamente três meses cada. Estes períodos são mais ou menos correspondentes às estações de inverno (que incluem cheia e enchente) e verão (seca e vazante) segundo a classificação indígena: 1) período da cheia (março a maio); 2) período da vazante (junho a agosto); 3) período da seca (setembro a novembro) e 4) período da enchente (dezembro a fevereiro).

O monitoramento foi realizado em duas etapas: uma etapa de “monitoramento acompanhado” com presença de um técnico contratado para tal, com periodicidade mensal de 7 dias de duração para cada uma das 3 aldeias da TI Paquiçamba (Miratu,

Paquiçamba e Furo Seco), totalizando 21 dias por mês em toda a terra indígena, 63 dias por período hidrológico e 252 dias por ano. E uma etapa de “monitoramento indígena” onde o monitor indígena dá prosseguimento ao monitoramento sem acompanhamento do técnico por mais 7 dias em cada uma das 3 aldeias. Desse modo o monitoramento total é de 14 dias por aldeia/mês.

O aumento do número de dias foi uma demanda dos povos indígenas da TI Paquiçamba, que consideravam que apenas 5 dias/mês não era representativo mesmo com as estimativas para o mês todo. No entanto, existe um tempo de adaptação do monitoramento indígena e por este motivo neste relatório ainda não foram incluídos os dados do monitoramento realizado sem acompanhamento técnico.

Durante os sete dias de monitoramento acompanhado mensais em cada aldeia, o técnico da executora e um monitor indígena, indicado previamente pela comunidade, monitoram e registram todas as atividades de pesca e caça realizadas pelos seus moradores. Em cada pescaria ou caçada monitorada uma série de informações e variáveis são registradas de acordo com uma ficha especificamente elaborada para esta finalidade.

Segundo detalhamento apresentado em relatório anterior, as informações incluem:

- O nome do(s) pescador(es) ou caçador(es),
- O tipo de instrumento utilizado (arte de pesca),
- A data e hora de saída e regresso,
- A forma de deslocamento utilizada,
- A finalidade da pescaria ou caçada (consumo ou venda/subsistência ou comercial),
- O local da pescaria ou caçada,
- A quantidade de gasolina gasta na atividade,
- A quantidade, peso e comprimento (para pesca) do animal ou peixe medidos.

O monitoramento acompanhado foi iniciado em maio de 2016 e realizado de forma contínua até novembro de 2016, totalizando 147 dias de coleta de informações. O período abrangeu o fim do período de cheia (maio), um período de vazante (junho a agosto) e um período de seca (setembro a novembro).

No caso das pescarias também se registrou se esta foi realizada com o uso de alguma fruta ou associada com a presença de alguma fruteira bem como o comprimento total de cada indivíduo. Para as caçadas também se registrou a atividade principal que o caçador estava realizando quando abateu o animal, o tipo de mato onde este foi obtido, a quantidade de cartuchos gastos, o sexo do animal e se este foi pesado inteiro ou não.

Cada pescaria ou caçada produziu uma ficha individual que foi assinada tanto pelo técnico da Executora responsável como pelo monitor indígena atestando a veracidade das informações coletadas. Os dados obtidos vem alimentando um banco de dados cuja análise permite registrar informações consideradas determinantes para acompanhar as possíveis alterações e mudanças nas atividades de pesca e caça de subsistência realizada pelas comunidades das aldeias da TI Paquiçamba. Estas informações são sintetizadas e apresentadas na **Figura 1**.

A identificação das espécies de peixes e animais de caça foi realizada com base nas observações pessoais bem como nos dados do EIA-CI da TI Paquiçamba disponível em Vieira et al. (2008). O esforço por atividade foi calculado com a somatória total do tempo gasto pelos pescadores ou caçadores em cada uma das atividades, separada por aldeia, pelo total da terra indígena e por mês, sendo dividido pelo número de pescadores ou caçadores envolvidos. Atividades que tiveram a participação de mais de um pescador ou caçador tiveram o tempo total dedicado a essa atividade multiplicado pelo número de participantes ativos para se chegar ao esforço total.

Devido ao fato de muitas malhadeiras serem colocadas de um dia para o outro, as malhadeiras colocadas no dia anterior ao início do monitoramento não tiveram a sua produção considerada para as análises aqui realizadas mesmo com o retorno da sua produção pesqueira ocorrendo no primeiro dia de amostragem do monitoramento. As malhadeiras colocadas no último dia do monitoramento tiveram sua produção considerada mesmo com o fato do seu retorno ser realizado no dia seguinte ao período final de amostragem do monitoramento.

As capturas por unidade de esforço (CPUE) foram calculadas através da divisão da produção total de peixes ou caça pelo número de horas investido em cada uma dessas atividades por aldeia ou pelo total da TI Paquiçamba em cada um dos dois meses analisados.



Figura 1 - Principais informações e dados registrados no programa de monitoramento participativo da pesca e caça na Terra Indígena Paquiçamba.

O peso dos peixes foi tomado com uma balança de precisão Pesola® com capacidade para 5 kg e o seu tamanho foi medido com o auxílio de uma régua científica. Tracajás tiveram o comprimento e largura curvilínea de suas carapaças registrados.

Não foram consideradas, apesar de terem sido registradas, os resultados das pescarias realizadas por pessoas que não pertencem à comunidade e que se encontravam de passagem por esta como os trabalhadores envolvidos nas construções das casas novas de madeira e os técnicos de enfermagem, prestadores de serviços de saúde para a comunidade, a não ser que estes tenham participado em pescaria realizadas pelos moradores dessa terra indígena.

Dados da pesca comercial de peixes para consumo, realizadas com viagens de mais de um dia fora da comunidade, não foram necessariamente obtidos dentro do período de amostragem do monitoramento. Conforme será explicado nos capítulos seguintes,

foi desenvolvido um sistema específico de recibos para o registro da pesca comercial e ornamental, devido à dificuldade em registrar estas atividades nas etapas do monitoramento acompanhado nas aldeias.

Os monitores indígenas são parte fundamental da metodologia desse monitoramento, participando de atividades de capacitação que envolve: a) módulos de formação concentrados, b) etapas de treinamento prático durante o monitoramento acompanhado, e c) participação em oficinas de sistematização e disponibilização dos dados para a comunidade. Os monitores são escolhidos pela própria aldeia e trabalham em sistema de rodízio mensal. Para incentivar o trabalho é paga uma bolsa no valor de um salário mínimo R\$ 880,00 (oitocentos e oitenta reais). Durante todos os dias de monitoramento há a postura de se incentivar a mobilização, engajamento e capacitação dos membros das três aldeias para que se envolvam no acompanhamento sistemático das mudanças nas atividades de pesca e caça no seu território.

Alguns pressupostos de ações de desenvolvimento e pesquisa participativos adotados neste programa são:

- A propriedade e gestão dos dados provenientes das atividades de monitoramento participativo são primariamente das comunidades;
- As comunidades devem ser capacitadas no sentido de adquirir conhecimentos e habilidades necessárias para realizar a gestão das atividades do programa de forma independente;
- As comunidades têm o direito de propor ajustes no trabalho, desde que estes ajustes estejam dentro do orçamento e recursos existentes;
- Qualquer pessoa ou instituição que tenha interesse em acessar ou utilizar dados, informações e/ou fotografias resultantes do trabalho deve solicitar autorização para as comunidades.

3. RESULTADOS

3.1. MONITORAMENTO DA PESCA

3.1.1. AS PESCARIAS DA TI PAQUIÇAMBA

No período de maio de 2016 a novembro de 2016 foram registradas 365 pescarias, das quais 152 foram na aldeia Miratu, 139 na aldeia Paquiçamba e 74 na aldeia Furo Seco. Estas pescarias tiveram diversas finalidades como a captura de peixes (329), a captura de quelônios (21) ou ainda as duas coisas (15) (**Figura 3**).

Dessas viagens monitoradas, 13 pescarias tiveram produção zero. Ou seja, houve um esforço por parte do pescador e não houve retorno em biomassa. Destas pescarias, 7 ocorreram no Furo Seco, 4 no Paquiçamba e 2 no Miratu.

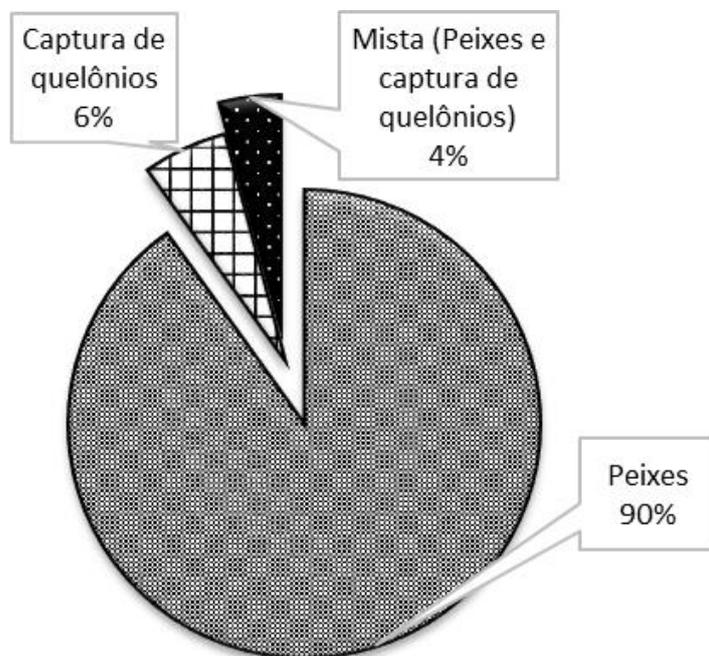


Figura 3 - Finalidade das pescarias registradas na TI Paquiçamba entre maio e novembro de 2016.

A aldeia com maior número de pescarias registradas foi a Miratu e a com menor número Furo Seco (**Quadro 1**). Ao longo dos meses percebe-se que no mês de maio (último mês do período de cheia) existe uma maior atividade de pesca e que esta segue decrescendo durante os períodos de vazante e seca (**Figura 3**).

Quadro 1 - Número de pescarias registradas na TI Paquiçamba por período, mês e aldeia entre os meses de maio a novembro de 2016.

Período	Mês	Aldeia			Total Geral
		Furo Seco	Miratu	Paquiçamba	
Cheia	Maio	22	30	20	72
Vazante	Junho	12	16	21	49
	Julho	15	23	21	59
	Agosto	11	19	21	51
Seca	Setembro	4	21	22	47

	Outubro	6	17	14	37
	Novembro	4	26	20	50
Total Geral		74	152	139	365

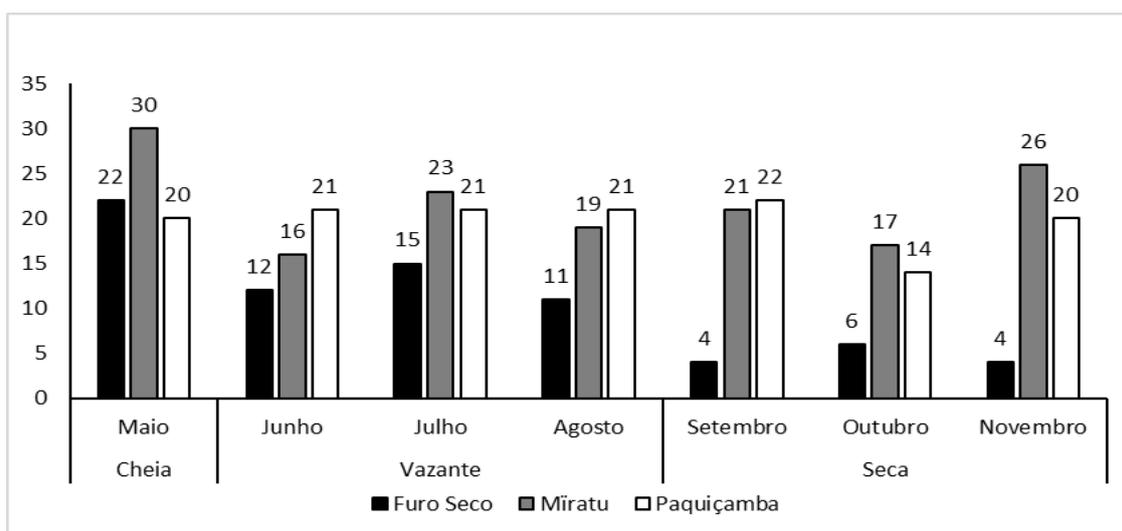


Figura 3 - Pescarias registradas na TI Paquiçamba por período hidrológico, mês e aldeia. No período de maio a novembro de 2016.

3.1.2. A PRODUÇÃO TOTAL

A produção total registrada foi de 2366,47 kg de peixe, dos quais 1697,02 Kg (72%) foram para consumo dos indígenas, 514,22 Kg (22%) para consumo e venda, 57,38 kg para venda (2%) e 97,85 kg (4%) não possuíam informação (**Figura 4**). A aldeia Paquiçamba teve a maior produção com 1122,65 Kg dos quais 49% foram para consumo e 43% para consumo e venda. As aldeias Miratu e Furo seco realizaram pescarias voltadas em sua maioria para consumo, 90% e 98%, respectivamente (**Figura 5**). Um detalhamento dessa produção por finalidade de pesca e por aldeia pode ser encontrado no **Quadro 2**.

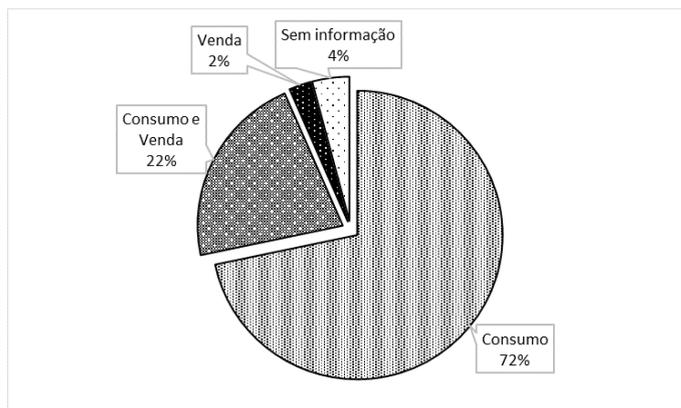


Figura 4 - Finalidade das pescarias realizadas na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

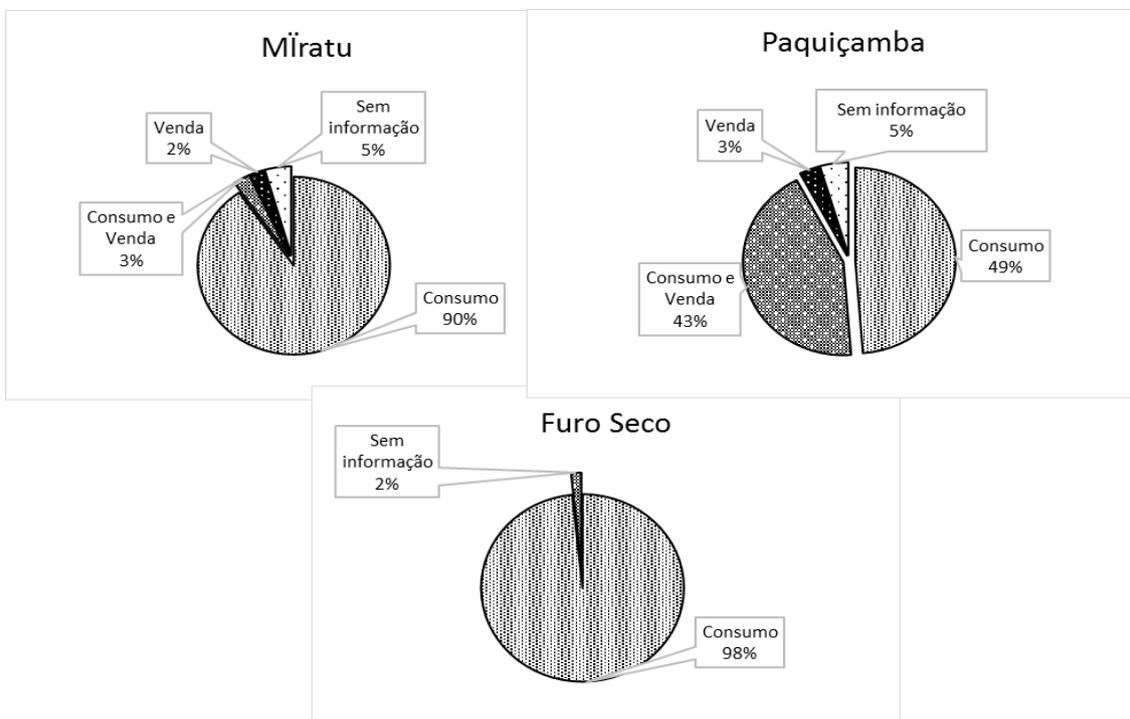


Figura 5 - Finalidade das pescarias realizadas na TI Paquiçamba, por aldeia, no período de maio a novembro de 2016.

Através dos cálculos de estimativas de produção, obteve-se uma produção estimada de 9686,80 Kg de peixe para o período de maio a novembro de 2016. Sendo 4188,06 Kg estimados para a aldeia Paquiçamba, 3816,48 para a Miratu e 1956,48 Kg para a Furo Seco (**Figura 6 e Quadro 3**).

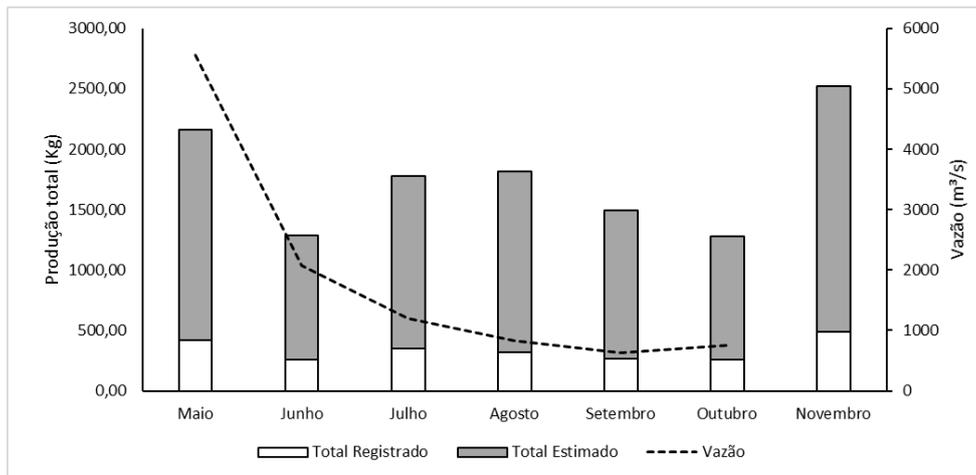


Figura 6 - Produção total (Kg) e estimada (Kg) da pesca na TI Paquiçamba ao longo dos meses de maio a novembro de 2016..

Quadro 2 - Produção total (Kg) das pescarias monitoradas na TI Paquiçamba conforme finalidade da pesca, mês e aldeia, no período de maio a novembro de 2016.

Mês	Miratu					Paquiçamba					Furo Seco			Total Geral
	Consumo	Consumo e Venda	Venda	Sem informação	Total	Consumo	Consumo e Venda	Venda	Sem informação	Total	Consumo	Sem informação	Total	
Maio	214,33	0,00	0,00	0,00	214,33	80,61	16,97	15,18	0,00	112,75	90,66	0,00	90,66	417,74
Junho	82,60	0,00	0,00	30,19	112,79	31,80	40,64	0,00	51,41	123,85	13,80	5,20	19,00	255,64
Julho	133,42	0,00	0,00	0,00	133,42	74,04	96,60	0,00	0,00	170,64	48,50	0,00	48,50	352,56
Agosto	97,27	25,10	0,00	11,05	133,42	145,95	0,00	0,00	0,00	145,95	39,63	0,00	39,63	319,00
Setembro	106,37	0,75	11,15	0,00	118,27	98,73	0,00	20,00	0,00	118,73	30,45	0,00	30,45	267,45
Outubro	87,01	0,00	0,00	0,00	87,01	69,76	88,40	0,00	0,00	158,16	16,90	0,00	16,90	262,07
Novembro	114,27	0,00	11,05	0,00	125,32	46,82	245,76	0,00	0,00	292,58	74,13	0,00	74,13	492,03
Total Geral	835,25	25,85	22,20	41,24	924,54	547,70	488,37	35,18	51,41	1122,65	314,07	5,20	319,27	2366,47

Quadro 3 - Produção total (Kg) estimada para a Terra Indígena Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

	Aldeias			Total
	Miratu	Paquiçamba	Furo Seco	
Maio	893,02	469,79	377,75	1740,56
Junho	488,76	460,00	82,33	1031,09
Julho	578,14	633,80	210,17	1422,11
Agosto	693,78	632,45	171,73	1497,96
Setembro	422,38	424,04	380,63	1227,04
Outubro	310,75	564,86	140,83	1016,44
Novembro	429,65	1003,13	593,04	2025,82
Total	3816,48	4188,06	1956,48	9961,02

3.1.3. A PRODUÇÃO POR PERÍODO HIDROLÓGICO

Quando se compara a produção ao longo dos meses e períodos hidrológicos, observa-se que a aldeia Paquiçamba teve um pico de produção no mês de novembro, enquanto para as aldeias Miratu e Furo seco esse pico ocorreu no mês de maio. Os menores valores ocorreram no mês de outubro para as aldeias Furo Seco e Miratu e no mês de maio na aldeia Paquiçamba (**Figura 7**).

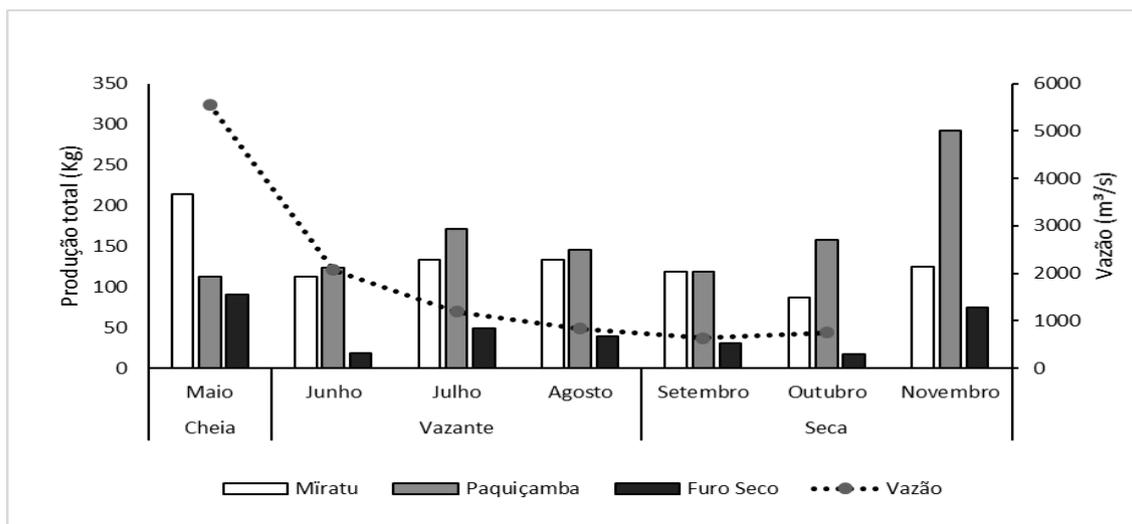


Figura 7 -Produção total registrada na TI Paquiçamba por período hidrológico, mês e aldeia. No período de maio a novembro de 2016.

O período de seca apresentou uma maior produção em relação à vazante nas aldeias Paquiçamba e Furo seco enquanto na aldeia Miratu no período da vazante registrou-se a maior produção (**Quadro 4**). O período da cheia não pode ser devidamente considerado, pois apenas o mês de maio foi monitorado.

Quadro 4 - Produção observada (PO) e produção estimada (PE) em Kg, das pescarias monitoradas na TI Paquiçamba de acordo com o período hidrológico, de maio a novembro de 2016.

Período Hidrológico	Furo Seco		Miratu		Paquiçamba		Total Geral	
	PO	PE	PO	PE	PO	PE	PO	PE
Cheia	90,66	332,42	214,33	893,02	112,75	469,79	417,74	1695,23
Vazante	107,13	391,12	379,63	1760,69	440,43	1726,25	927,19	3878,05
Seca	121,48	958,72	330,59	1162,78	569,47	1992,02	1021,54	4113,52

Total	319,27	1682,26	924,54	3816,48	1122,65	4188,06	2366,47	9686,80
-------	--------	---------	--------	---------	---------	---------	---------	---------

3.1.4. PRODUÇÃO POR ETNOESPÉCIE

Nestes 7 meses iniciais de monitoramento em 2016, registrou-se a ocorrência de 48 etnoespécies que representam pelo menos 65 espécies (**Quadro 5**). Deste total, 5 etnoespécies representam juntas mais de 65% da captura em peso (1562 kg) (**Figura 8**). No período analisado a espécie mais importante foi a curimatá com 23% do total registrado.

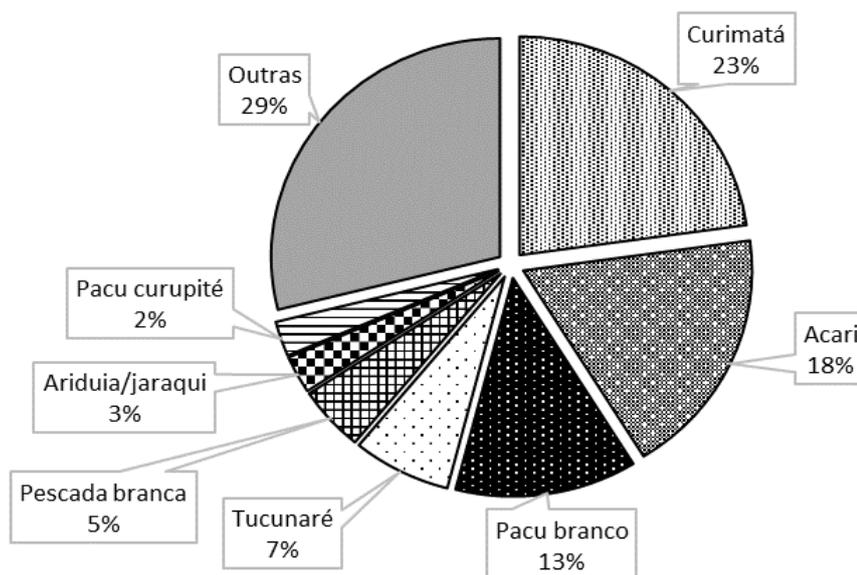


Figura 8 - Porcentagem da produção total registrada por etnoespécie na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

É importante salientar que a importância das etnoespécies varia conforme o período hidrológico. Com base no relatório anterior, a espécie mais importante foi o pacu branco que no presente relatório foi a terceira etnoespécie mais importante (13%), ficando atrás dos acaris com 18% da produção total. No entanto, o pacu branco é uma espécie capturada com maior intensidade nos períodos de enchente e cheia, períodos não compreendidos neste relatório.

Em termos de quantidade de indivíduos capturados, os acaris possuem maior importância (1723 indivíduos), seguidos das curimatás (832 indivíduos) (**Figura 9**).

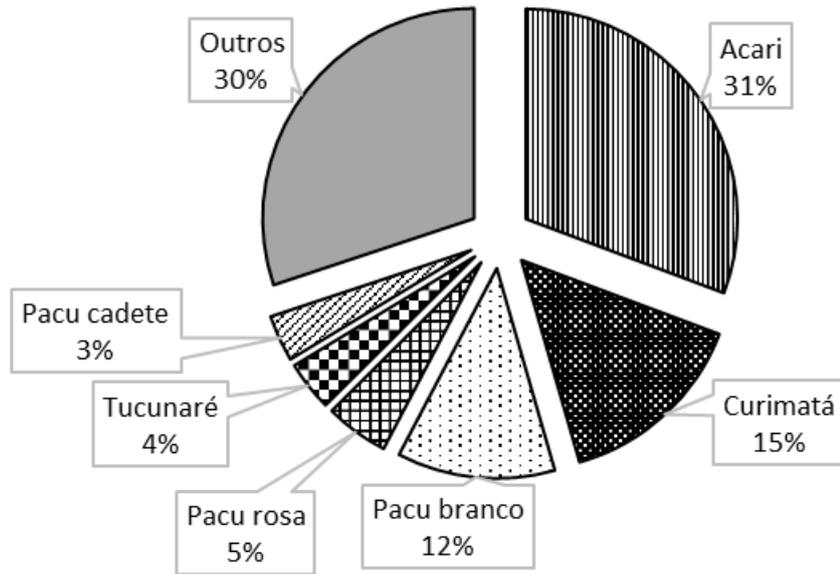


Figura 9 -Porcentagem do número de indivíduos capturados por etnoespécie na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

Quadro 5 - Produção total (Kg) por etnoespécie na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

Espécie	Família	Hábito alimentar	Nome científico	Quantidade	Produção total (Kg)	Porcentagem
Curimatá	Prochilodontidae	Detritívoro	<i>Prochilodus nigricans</i>	832	541,92	23%
Acari	Loricariidae	Ilíofago	Várias espécies	1723	436,67	18%
Pacu branco	Serrasalmidae	Frugívoro	<i>Myloplus rubripinnis</i>	677	305,33	13%
Tucunaré	Cichlidae	Piscívoro	<i>Cichla spp.</i>	214	165,30	7%
Pescada branca	Scianidae	Piscívoro	<i>Plagioscion squamosissimus</i>	143	113,71	5%
Ariduia/jaraqui	Prochilodontidae	Detritívoro	<i>Semaprochilodus insignis</i> e <i>S. brama</i>	151	65,75	3%
Pacu curupité	Serrasalmidae	Frugívoro	<i>Tometes ancylorhynchus</i> e <i>T. kranponhah</i>	142	61,33	3%
Piranha preta	Serrasalmidae	Piscívoro	<i>Serrasalmus rhombeus</i>	85	51,67	2%
Bicuda	Ctenoluciidae	Piscívoro	<i>Boulengerella cuvieri</i> e <i>B. maculata</i>	40	43,83	2%
Cachorra	Cynodontidae	Piscívoro	<i>Hydrolicus armatus</i>	36	42,61	2%
Pirarara	Pimelodidae	Piscívoro	<i>Phractocephalus hemiolipterus</i>	8	42,59	2%
Cará/caratinga	Cichlidae	Onívoro	Várias espécies	159	39,09	2%
Pacu rosa	Serrasalmidae	Frugívoro	<i>Myleus setiger</i>	272	37,32	2%
Fidalgo	Auchenipteridae	Piscívoro	<i>Ageneiosus inermis</i>	11	35,00	1%

Espécie	Família	Hábito alimentar	Nome científico	Quantidade	Produção total (Kg)	Porcentagem
Pacu cadete	Serrasalmidae	Frugívoro	<i>Myloplus schomburgkii</i>	200	34,36	1%
Matrinchã	Characidae	Piscívoro	<i>Brycon</i> spp.	77	28,54	1%
Curvina	Scianidae	Piscívoro	<i>Pachyurus</i> sp.	85	26,81	1%
Pacu de seringa	Serrasalmidae	Frugívoro	<i>Myloplus rhomboidalis</i>	29	25,07	1%
Pocomom	Auchenipteridae	Onívoro	<i>Tocantisia piresi</i>	29	24,04	1%
Piau cabeça gorda	Anostomidae	Ilíofago	<i>Leporinus friderici</i>	88	22,77	1%
Traíra/Trairão	Erythrinidae	Piscívoro	<i>Hoplias</i> spp.	15	21,08	1%
Pescada	Scianidae	Piscívoro	<i>Pachypops</i> sp.	28	20,85	1%
Barba chata	Pimelodidae	Piscívoro	<i>Pinirampus pinirampu</i>	16	16,47	1%
Surubim	Pimelodidae	Piscívoro	<i>Pseudoplatystoma punctifer</i>	7	14,50	1%
Pacu olhudo	Serrasalmidae	Frugívoro	<i>Myloplus asterias</i>	70	13,78	1%
Piau listrado	Anostomidae	Ilíofago	<i>Leporinus tigrinus</i>	61	13,00	1%
Piau vara/piau aracu	Anostomidae	Ilíofago	<i>Leporinus</i> aff. <i>fasciatus</i>	62	11,75	0%
Cachorra sardinha gato	Cynodontidae	Piscívoro	<i>Hydrolicus tatauaia</i>	18	11,32	0%
Piau flecha	Anostomidae	Ilíofago	Não identificado	24	8,86	0%

Espécie	Família	Hábito alimentar	Nome científico	Quantidade	Produção total (Kg)	Porcentagem
Cuiú cuiú	Doradidae	Onívoro	<i>Oxydoras niger</i>	2	8,20	0%
Piranha camari	Serrasalminidae	Piscívoro	<i>Serrasalmus manueli</i>	47	8,17	0%
Pacu folha	Serrasalminidae	Frugívoro	<i>Myloplus arnoldi</i>	46	5,74	0%
Pacu	Serrasalminidae	Frugívoro	Várias espécies	13	5,45	0%
Sabão	Cichlidae	Piscívoro	Várias espécies	22	5,40	0%
Piau	Anostomidae	Ilíofago	Várias espécies	21	5,29	0%
Piau coco	Anostomidae	Ilíofago	<i>Leporinus passionais</i>	10	3,59	0%
Pacu capivara	Serrasalminidae	Onívoro	<i>Ossubtus xinguense</i>	12	3,02	0%
Mandi	Pimelodidae	Piscívoro	<i>Pimelodus spp.</i>	21	2,90	0%
Piranha caju	Serrasalminidae	Piscívoro	<i>Pristobrycon striolatus</i>	26	2,47	0%
Pacu arrupiadinho/ ferrugem	Serrasalminidae	Frugívoro	Não identificado	13	2,38	0%
Branquinha	Characidae	Detritívoro	Várias espécies	38	1,81	0%
Braço de moça	Pimelodidae	Piscívoro	Várias espécies	3	1,40	0%
Piranha	Serrasalminidae	Piscívoro	Várias espécies	3	0,95	0%
Sardinha	Characidae	Onívoro	Várias espécies	7	0,73	0%

Espécie	Família	Hábito alimentar	Nome científico	Quantidade	Produção total (Kg)	Porcentagem
Pacu beiradeiro	Serrasalmidae	Frugívoro	Não identificado	7	0,70	0%
Solha	Achiriidae	Onívoro	<i>Hypoclinemus mentalis</i>	2	0,30	0%
Flexeira	Hemiodontidae	Ilíofago	<i>Hemiodus spp.</i>	5	0,29	0%
Piaba	Characidae	Onívoro/Piscívoro/ Detritívoro	Várias espécies	4	0,13	0%

Estas 48 etnoespécies distribuem-se entre 15 famílias taxonômicas. A família Serrasalmidae (pacus e piranhas) foi a mais importante com 15 etnoespécies registradas seguida da família Anostomidae (piaus) com 6 etnoespécies (**Figura 10**).

Em relação à produção, as famílias mais importantes são a Prochilodontidae (curimatás e ariduias) representando 26% do total capturado, Serrasalmidae com 24% e Loricariidae (acaris) com 19% (**Quadro 6**).

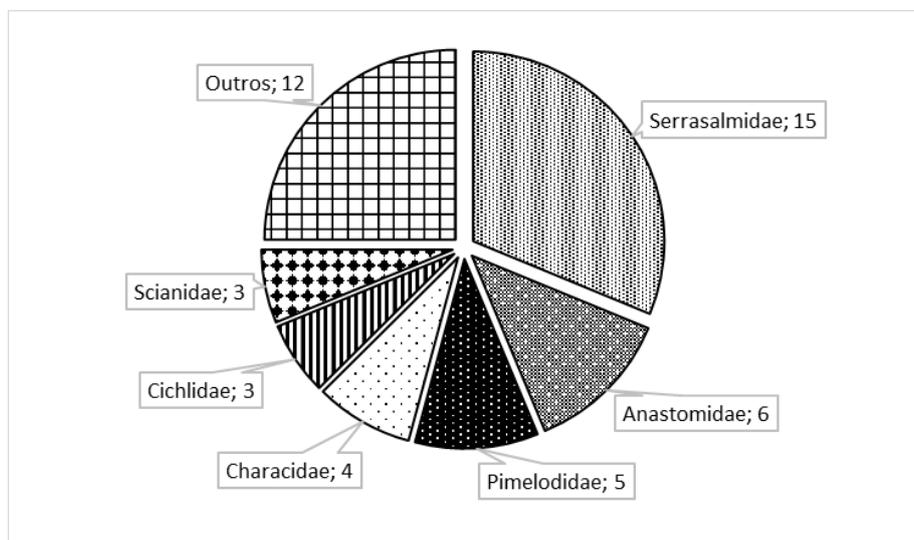


Figura 10 – Número de etnoespécies por família taxonômica registradas nas pescarias da TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

Quadro 6 – Número de etnoespécies e produção total (kg)por família taxonômica registradas nas pescarias da TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

Família	Nº de etnoespécies	Produção total (Kg)
Serrasalmidae	15	557,71
Anostomidae	6	65,26
Pimelodidae	5	77,86
Characidae	4	31,20
Cichlidae	3	209,78
Scianidae	3	161,37

Auchenipteridae	2	59,04
Cynodontidae	2	53,93
Prochilodontidae	2	607,67
Achiriidae	1	0,30
Ctenoluciidae	1	43,83
Doradidae	1	8,20
Erythrinidae	1	21,08
Hemiodontidae	1	0,29
Loricariidae	1	436,67

3.1.5. PRODUÇÃO POR HÁBITO ALIMENTAR

Quando se considera o hábito alimentar, observa-se que a maioria das etnoespécies capturadas seja em número ou em produção (kg) são piscívoras (20) seguida das etnoespécies Frugívoras (10) e Ilíofagas (8) (**Quadro 7; Figura 11**).

Quadro 7 - Número de etnoespécies e produção (kg) por hábito alimentar registradas nas pescarias da TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

Hábito alimentar	Produção total (Kg)	Nº de etnoespécies
Piscívoro	655,54	20
Frugívoro	491,44	10
Ilíofago	502,22	8
Onívoro	75,37	6
Detritívoro	609,47	3
Hábitos combinados	0,12	1

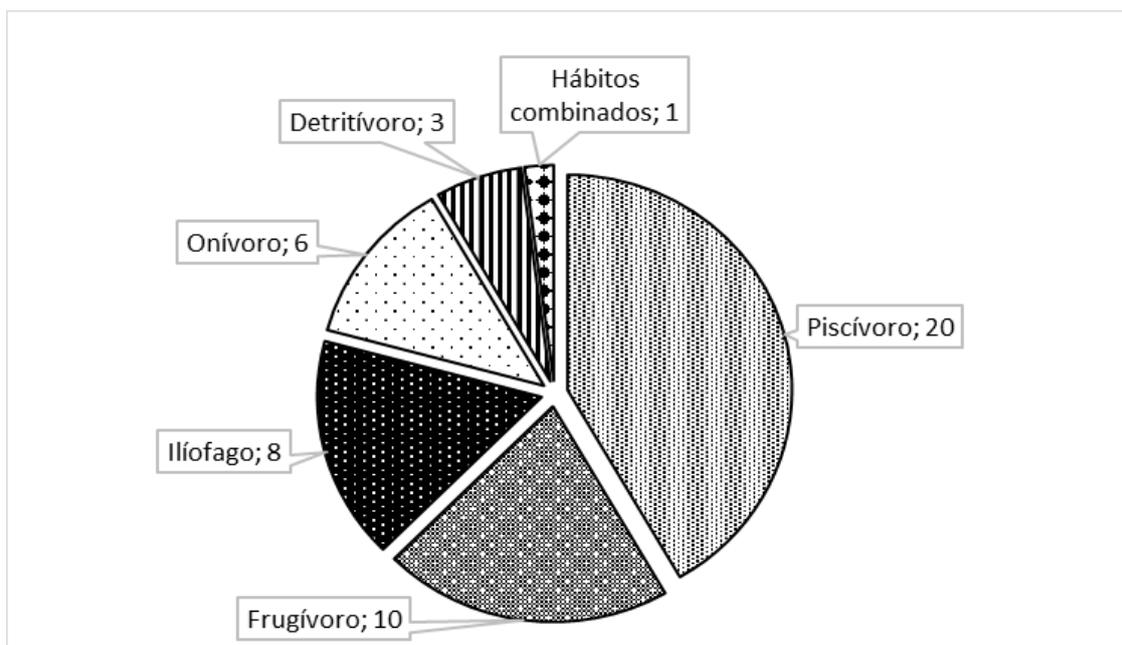


Figura 11 - Número de etnoespécies por hábito alimentar registradas nas pescarias da TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

3.1.6. PRODUÇÃO DAS PRINCIPAIS ETNOESPÉCIES

A curimatata que durante o período monitorado foi a espécie mais abundante, apresentou sua maior produção no período de seca, no mês de novembro (**Figura 12**). É nesse período que os indivíduos começam a formar cardumes e se preparar para o início da desova que ocorre no período de enchente. A formação de cardumes aliado a baixa vazão registrada este ano, favorecem a captura dessa espécie, principalmente com uso de malhadeiras.

De igual modo, a produção maior de acaris está associada aos períodos mais secos (vazante-seca) quando os pedrais estão mais expostos e surgem diversas corredeiras e cachoeiras ao longo do ano favorecendo a captura dessa etnoespécie.

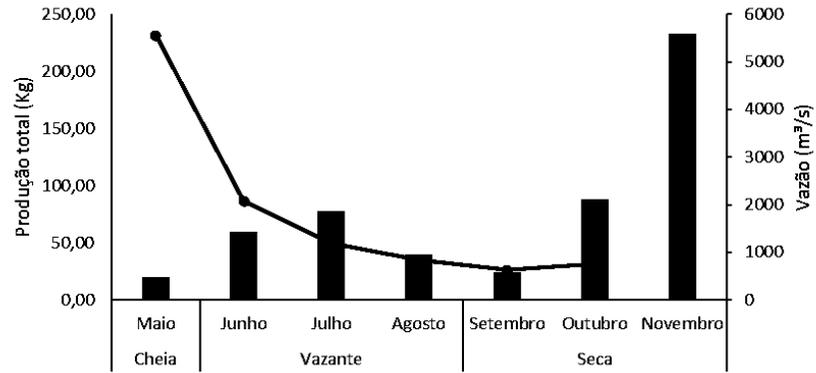
Assim como as curimatatas e acaris que são capturados conforme o regime hídrico do rio, os pacus brancos possuíram maior produção no período de cheia (maio). É durante o período de enchente e cheia que esta etnoespécie entra nas áreas alagadas de mata e igapós para se alimentar e reproduzir.

A captura de tucunarés se apresentou mais ou menos igual ao longo dos meses de monitoramento. Com um pico no mês de junho e uma queda no mês de setembro. A

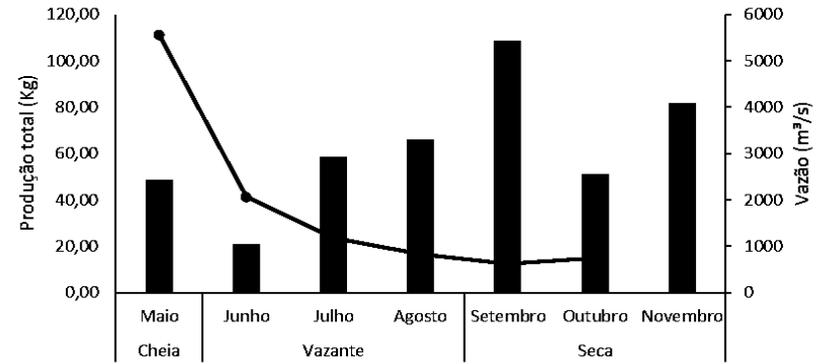
pescada branca foi mais intensamente capturada nos meses de maio e agosto, diminuindo ao longo dos outros meses.

Ressalta-se aqui que as três principais etnoespécies capturadas são diretamente influenciadas pelo regime hidrológico do rio e que as alterações na vazão do rio influenciarão diretamente a dinâmica destas etnoespécies.

Curimata



Acari



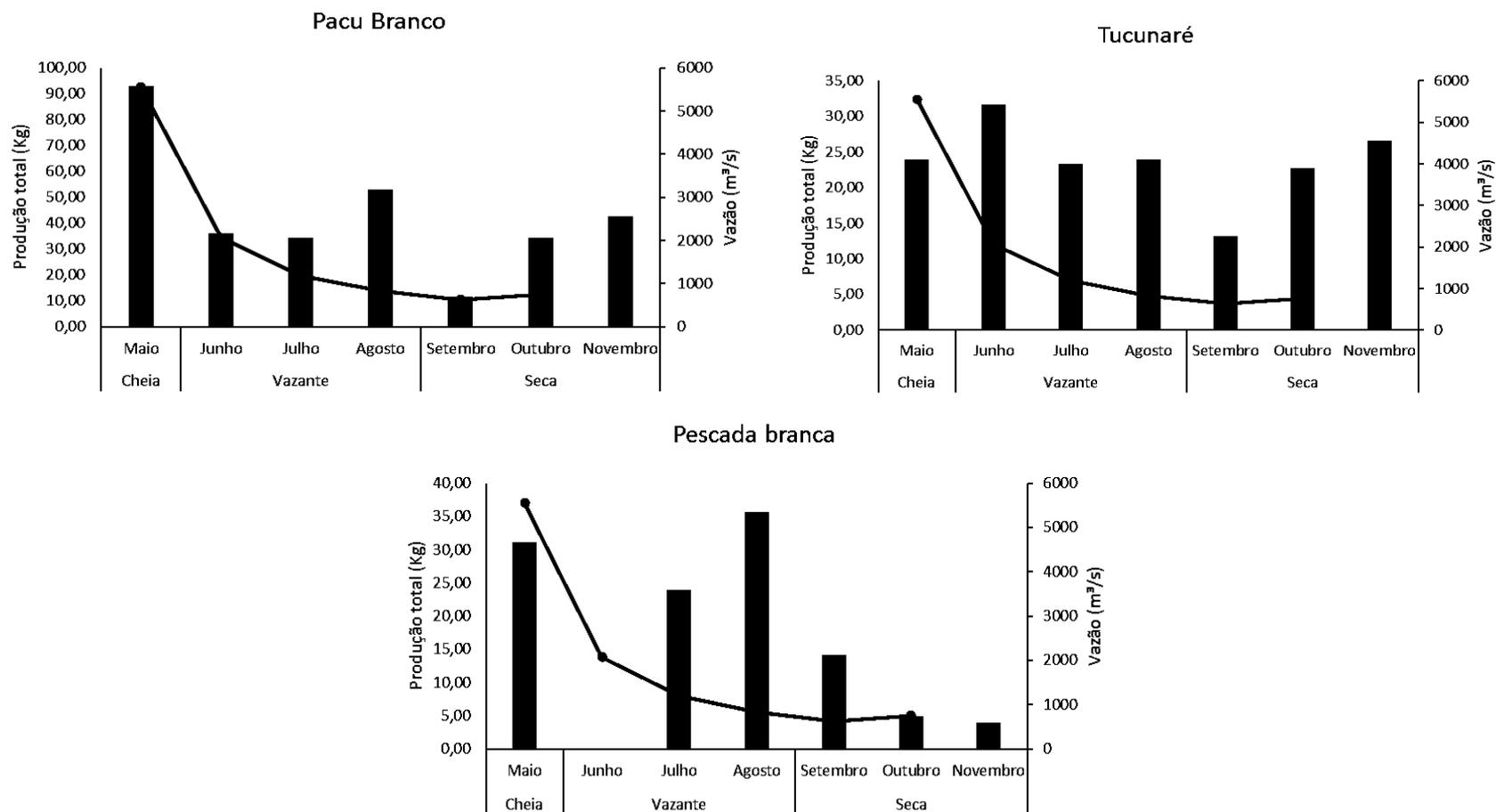


Figura 12 – Produção total (kg) das principais etnoespécies capturadas na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

3.1.7. PRODUÇÃO POR ARTE DE PESCA E TIPO DE DESLOCAMENTO

3.1.7.1. ARTES DE PESCA

Foram registrados mais de 10 tipos de arte de pesca, entre estas, 4 delas juntas são responsáveis por mais de 90% dos desembarques (**Figura 13**). As malhadeiras sozinhas corresponderam a 59% da produção, seguida das tarrafas (13%), linhas (11%) e combinações de mais de uma arte de pesca (10%).

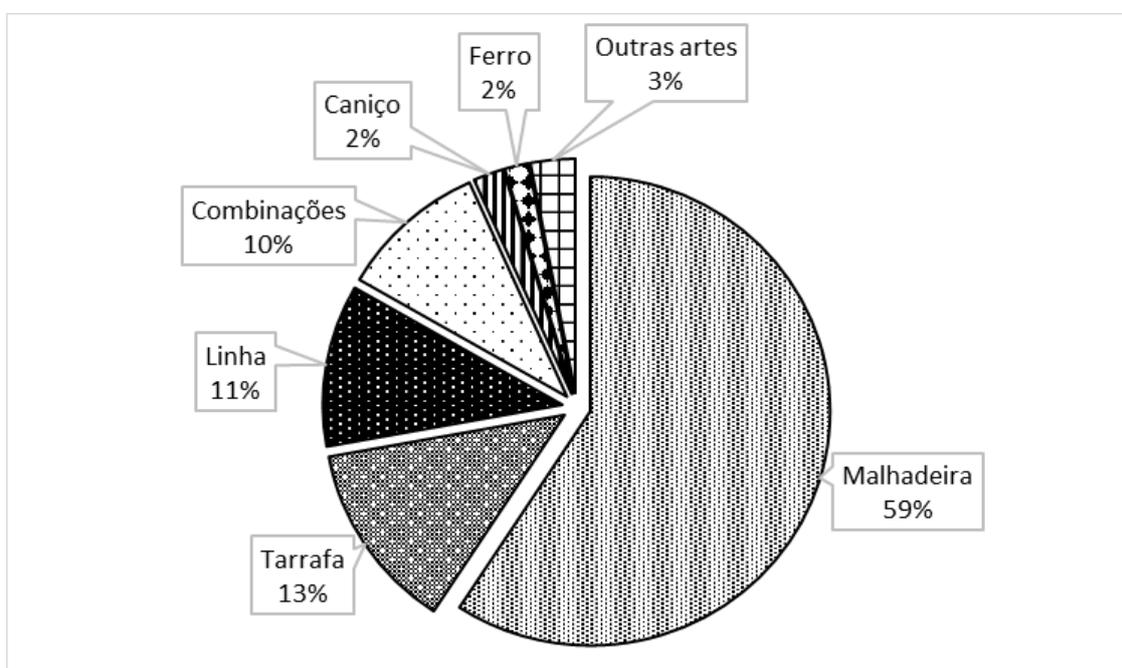


Figura 13 - Produção por arte de pesca na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

Entre as aldeias observa-se que em todas, o uso das malhadeiras corresponde a mais da metade da produção total. A tarrafa foi a segunda arte de pesca, apenas no Miratu, e a terceira mais importante no Paquiçamba, enquanto no Furo Seco foi a quarta. As linhas foram a segunda arte de pesca mais importante no Furo seco (28%), seguidas de Paquiçamba (10%) e Miratu (7%) (**Figura 14**).

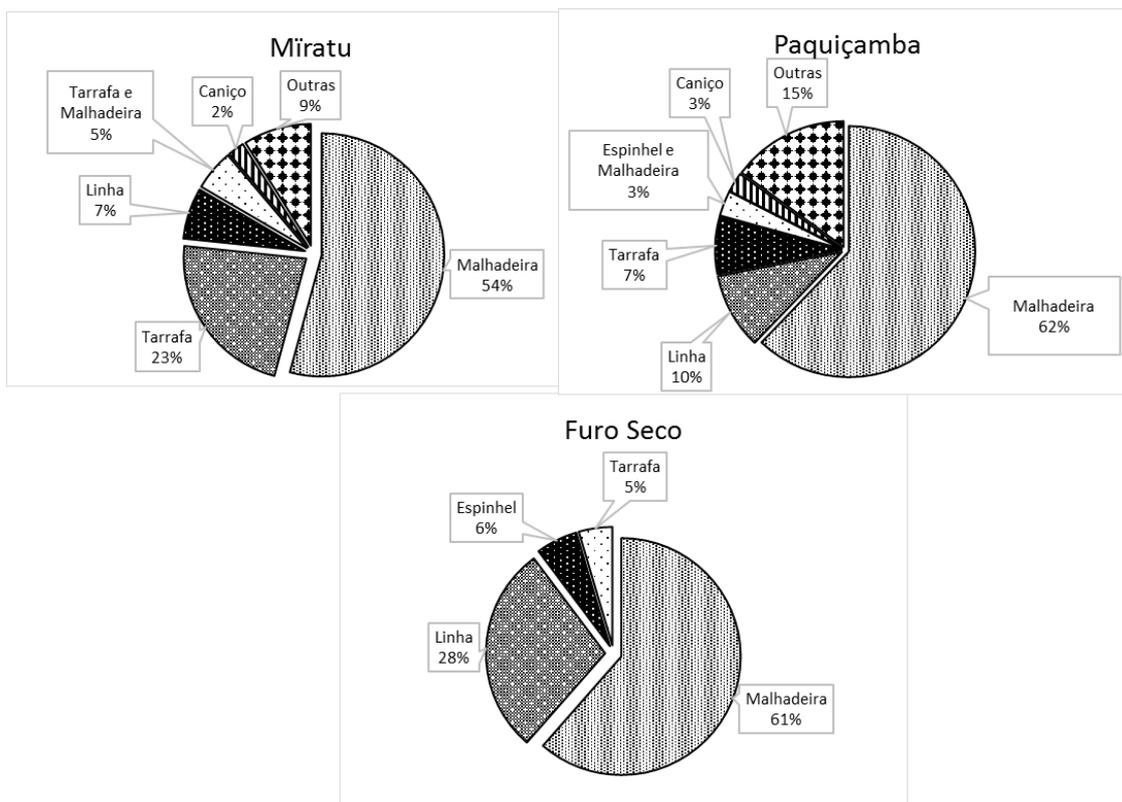


Figura 14 - Produção por arte de pesca e por aldeia na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

3.1.7.2. ARTE DE PESCA X ETNOESPÉCIE

A escolha da arte de pesca é feita com base na espécie alvo e isso foi observado quando se analisou as principais etnoespécies capturadas conforme a arte de pesca (**Figura 15**). A malhadeira, que dentre as 4 artes mais importantes é a menos seletiva, foi utilizada principalmente na captura de curimatás (34%) e pacu branco (17%).

O canião foi utilizado principalmente na captura de pacu branco (64%). A tarrafa foi mais utilizada para a captura de acaris (74%) enquanto as linhas foram mais utilizadas para captura de tucunarés (30%).

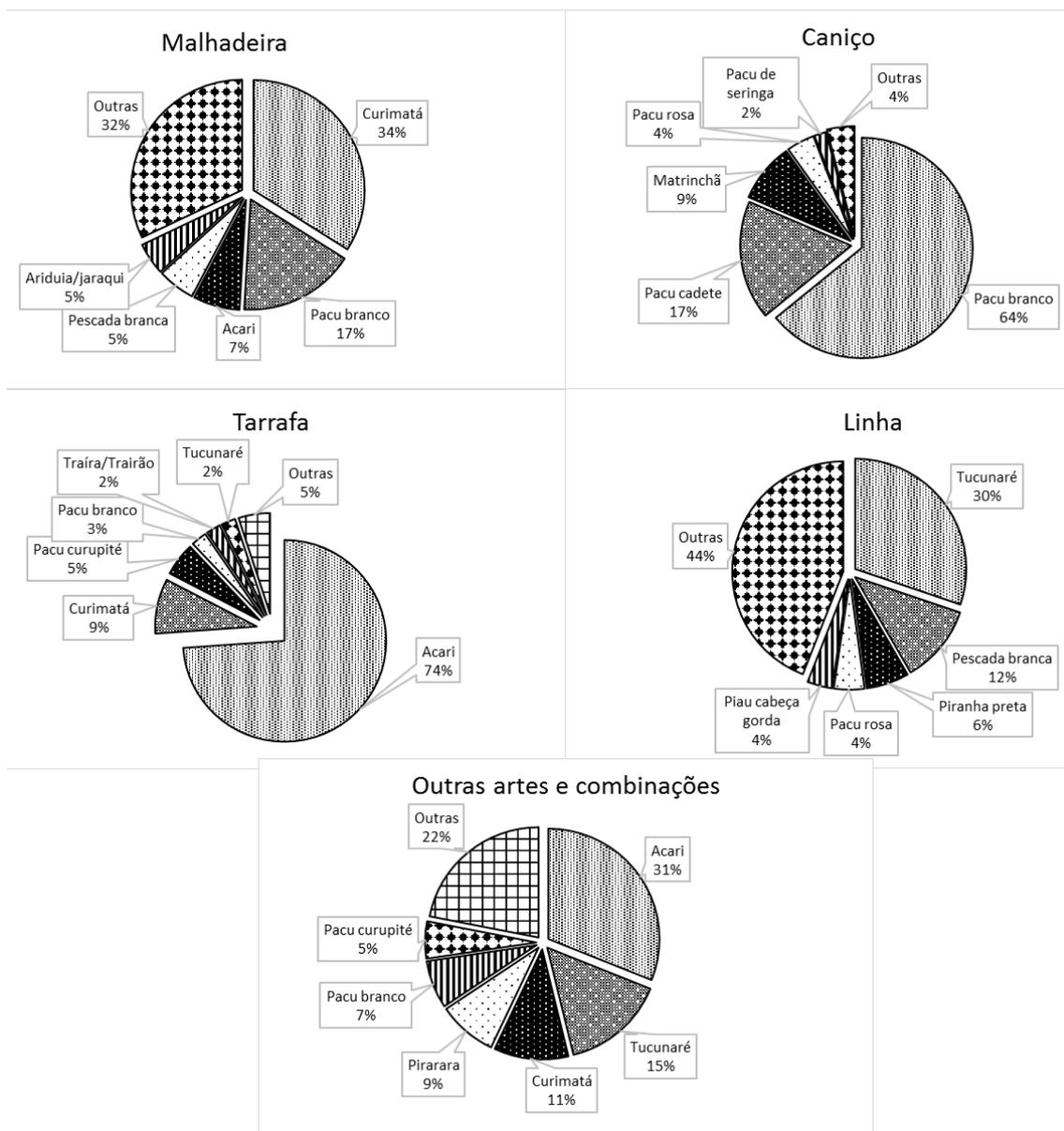


Figura 15 - Produção por etnoespécies conforme a arte de pesca utilizada na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

Em relação ao período hidrológico, se observa que a malhadeira foi mais importante nos períodos de vazante (643,0 kg) e seca (657,9 kg), enquanto nestes mesmos períodos a captura de peixes com auxílio de caniço foi a menor registrada 1,8 kg na vazante e nenhuma captura na seca (**Figura 16**).

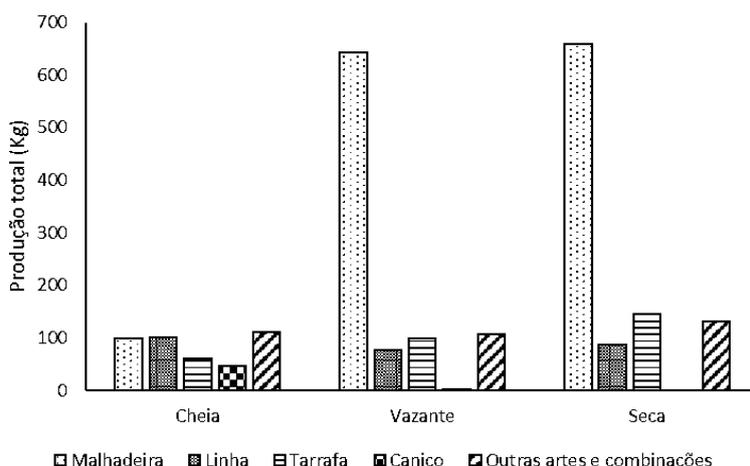


Figura 16 - Produção por arte de pesca segundo o período hidrológico na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

3.1.7.3. POR DESLOCAMENTO

No período monitorado, foram registrados o uso de oito formas de deslocamento, entre elas, as rabetas foram mais utilizadas (2057 pescarias) e também as responsáveis pela maior parte da produção (42%), seguida do uso de canoa a remo e motor de popa ambas com 19% da produção cada. Essas três formas de deslocamento juntas representam 80% da captura registrada (**Figura 17**).

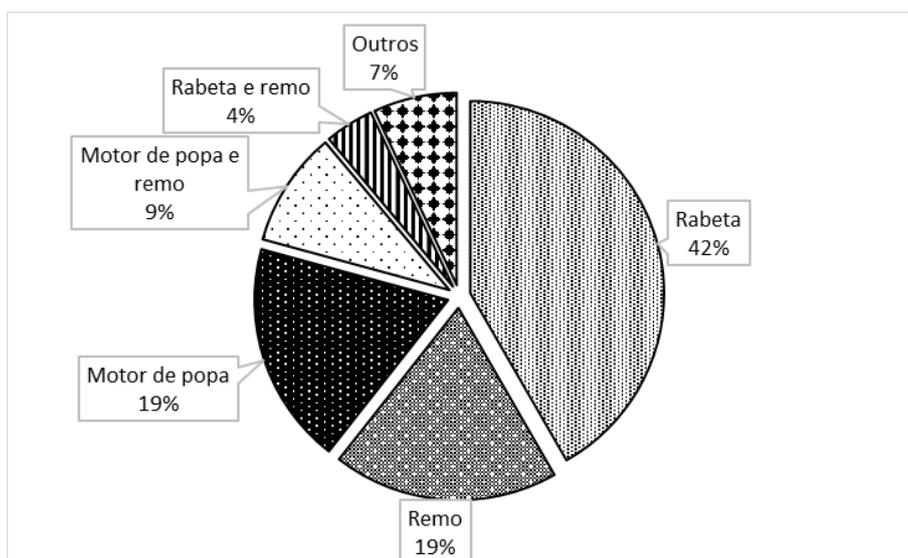


Figura 17 - Produção por tipo de deslocamento na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

Nas aldeias Miratu e Furo Seco, as rabetas foram o tipo de deslocamento mais utilizado (1059 e 317 viagens, respectivamente) enquanto no paquiçamba foi o segundo deslocamento mais utilizado (681 viagens) atrás do motor de popa com 726 viagens (**Figura 18**).

Em termos de produção, foi o deslocamento responsável pela maior produção em todas as aldeias, 59% no Miratu, 49% no Furo Seco e 26% no Paquiçamba. Seguido do motor de popa nas aldeias Miratu (14%) e Paquiçamba (24%) e Remo na aldeia Furo Seco (36%).

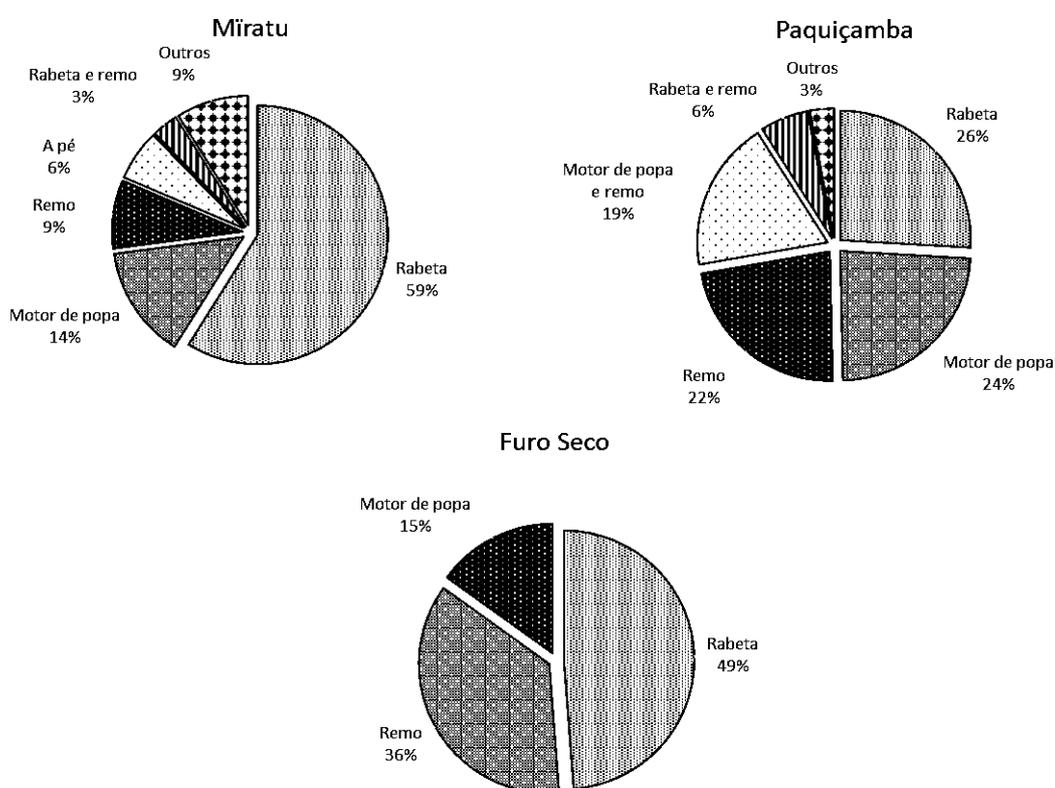


Figura 18 - Produção por tipo de deslocamento e por aldeia na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

A rabeta permaneceu como o tipo de deslocamento com maior retorno produtivo ao longo dos períodos hidrológicos, sendo mais importante na seca. As canoas a remo foram menos importantes durante o período de cheia (**Figura 19**).

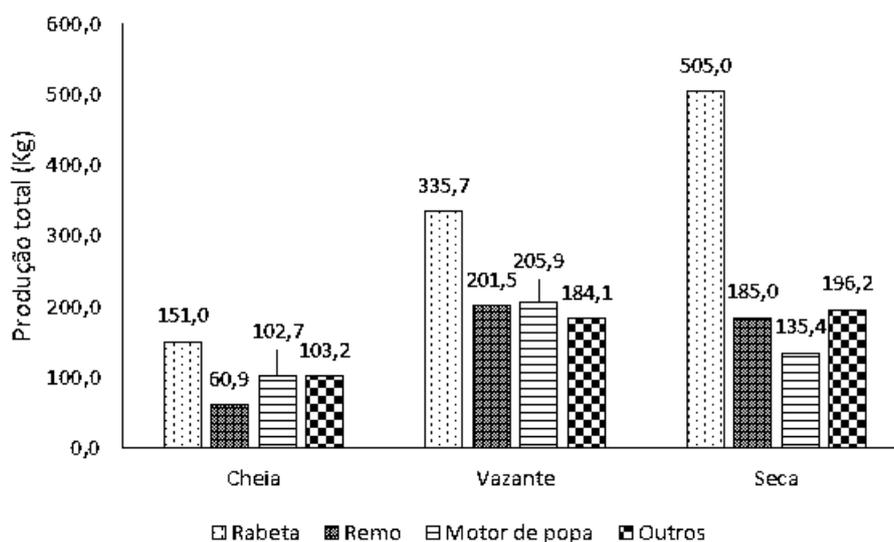


Figura 19 - Produção por tipo de deslocamento segundo o período hidrológico na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

3.1.8. ESTRUTURA DA COMUNIDADE

No **Quadro 8** abaixo é possível observar os valores mínimos, máximos e média (\pm DesvPad) do comprimento e peso das etnoespécies capturadas nas pescarias dentro da TI Paquiçamba.

Quadro 8 – Número de indivíduos capturados (N), mínimo, máximo, média e desvio padrão do comprimento e peso das etnoespécies capturadas na TI paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

Etnoespécie	N	Comprimento total (cm)				Peso total (kg)			
		Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Acari	1213	10,00	39,50	23,06	4,28	0,05	1,00	0,25	0,11
Ariduia/jaraqui	151	14,50	47,00	29,57	4,05	0,15	0,90	0,43	0,14
Barba chata	16	42,00	62,50	50,91	5,74	0,15	1,90	1,03	0,45
Bicuda	40	36,00	84,00	57,90	8,57	0,15	3,25	1,10	0,60
Braço de moça	3	37,00	39,00	38,33	1,15	0,45	0,50	0,47	0,03
Branquinha	38	11,00	18,00	14,09	1,51	0,03	0,08	0,05	0,01
Cachorra	36	34,00	64,00	47,82	9,00	0,35	2,80	1,16	0,65

Etnoespécie	Comprimento total (cm)					Peso total (kg)			
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Cará/caratinga	156	8,00	31,00	23,30	5,92	0,03	0,48	0,24	0,12
Cuiú cuiú	2	66,00	72,00	69,00	4,24	3,50	4,70	4,10	0,85
Curimatá	821	14,00	42,00	33,00	3,30	0,10	2,40	0,65	0,23
Curvina	85	12,00	36,00	29,39	5,31	0,05	0,60	0,32	0,11
Fidalgo	11	42,00	61,00	50,68	6,21	0,85	2,10	1,36	0,42
Flexeira	5	14,00	23,50	17,50	3,84	0,03	0,10	0,06	0,03
Mandi	21	16,00	46,00	22,43	6,27	0,03	0,72	0,14	0,17
Matrinchá	74	11,50	44,00	27,40	6,93	0,03	1,80	0,37	0,37
Pacu	13	14,00	40,00	24,85	6,73	0,10	1,20	0,42	0,27
Pacu arrupiadinho/ ferrugem	13	14,00	20,00	16,68	2,03	0,05	0,60	0,18	0,17
Pacu beiradeiro	7	16,00	19,00	17,43	0,98	0,10	0,10	0,10	0,00
Pacu branco	677	11,00	40,00	24,97	6,45	0,03	1,80	0,45	0,34
Pacu cadete	200	6,00	31,00	19,04	3,66	0,03	0,54	0,17	0,09
Pacu capivara	12	19,00	30,00	24,63	3,35	0,05	0,42	0,25	0,10
Pacu curupité	142	13,00	44,00	26,07	7,15	0,05	1,50	0,42	0,36
Pacu folha	46	9,00	21,00	17,21	2,17	0,05	0,20	0,12	0,04
Pacu olhudo	70	12,00	47,00	18,78	3,85	0,05	1,40	0,17	0,16
Pacu rosa	266	9,00	32,00	18,20	2,80	0,03	0,90	0,13	0,08
Pacu de seringa	29	18,00	42,00	29,34	7,78	0,10	2,50	0,86	0,70
Pescada	28	23,00	58,00	35,71	9,06	0,20	2,65	0,74	0,58
Pescada branca	143	15,00	57,00	38,04	7,19	0,06	2,50	0,80	0,45
Piaba	4	8,00	14,00	9,75	2,87	0,03	0,05	0,03	0,01
Piau	21	13,00	34,50	25,18	6,93	0,10	0,45	0,25	0,11
Piau vara/piau aracu	62	15,00	37,50	26,22	5,60	0,05	0,45	0,18	0,11

Etnoespécie	Comprimento total (cm)					Peso total (kg)			
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Piau cabeça gorda	88	15,00	37,00	28,32	3,70	0,10	0,65	0,26	0,10
Piau coco	10	26,00	33,00	30,35	2,17	0,20	0,65	0,36	0,12
Piau flecha	24	25,00	36,00	32,08	2,87	0,25	0,50	0,37	0,06
Piau listrado	46	12,00	34,50	24,45	5,96	0,05	0,45	0,18	0,11
Piranha	3	21,00	32,00	26,67	5,51	0,20	0,45	0,32	0,13
Piranha caju	26	10,00	19,00	14,50	2,21	0,03	0,25	0,09	0,06
Piranha camari	47	11,00	34,00	21,28	4,24	0,03	1,10	0,17	0,17
Piranha preta	85	17,50	42,00	28,25	6,19	0,05	1,80	0,60	0,45
Pirarara	8	48,00	101,00	66,06	19,85	1,74	15,00	5,32	5,17
Pocomom	29	28,00	46,00	39,60	5,19	0,10	1,35	0,83	0,37
Sabão	22	9,00	33,00	26,40	5,29	0,03	0,48	0,24	0,12
Sardinha	7	10,00	25,00	20,43	5,00	0,05	0,20	0,10	0,05
Cachorra sardinha gato	18	17,00	49,00	38,00	7,99	0,03	1,25	0,63	0,28
Solha	2	17,50	17,50	17,50	0,00	0,15	0,15	0,15	0,00
Surubim	7	31,00	75,00	60,71	14,76	0,75	3,40	2,07	0,99
Traíra/Trairão	15	8,00	72,00	37,07	18,40	0,03	6,00	1,41	1,70
Tucunaré	214	6,50	62,00	35,92	7,94	0,03	3,00	0,75	0,55
Total Geral	5059	6,00	152,00	27,07	9,17	0,03	19,00	0,43	0,56

A curimata que foi a etnoespécie mais importante neste período, possui um tamanho médio de 33 cm ($\pm 3,30$) com mínimo de 14,00 e máximo de 42 cm, e peso médio de 0,65 kg ($\pm 0,23$) (**Figura 20**).

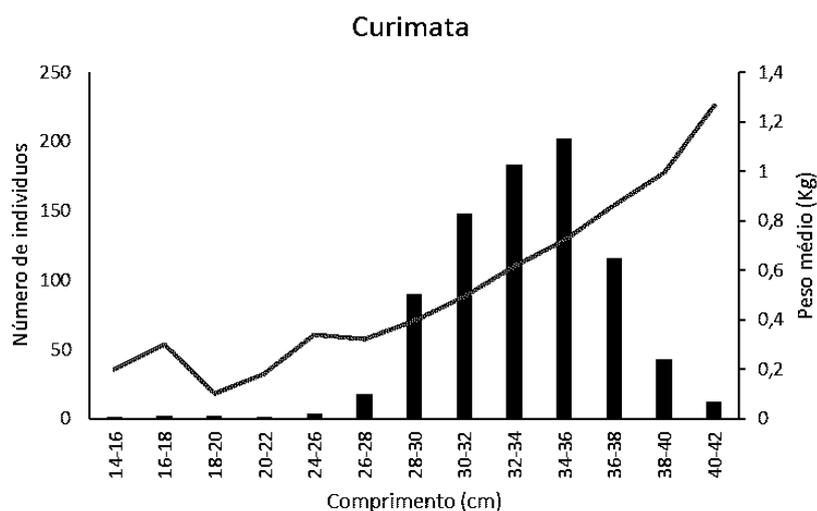


Figura 20– Comprimento e peso médio da curimata capturada na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

O tamanho médio dos acaris foi de 23,06 cm ($\pm 4,28$) com mínimo de 10,00 e máximo de 39,50 cm, e peso médio de 0,25 kg ($\pm 0,11$) (**Figura 21**). Enquanto o tamanho médio dos pacus brancos foi de 24,97 cm ($\pm 6,45$) com mínimo de 11,00 e máximo de 40,00 cm, e peso médio de 0,45 kg ($\pm 0,34$) (**Figura 22**).

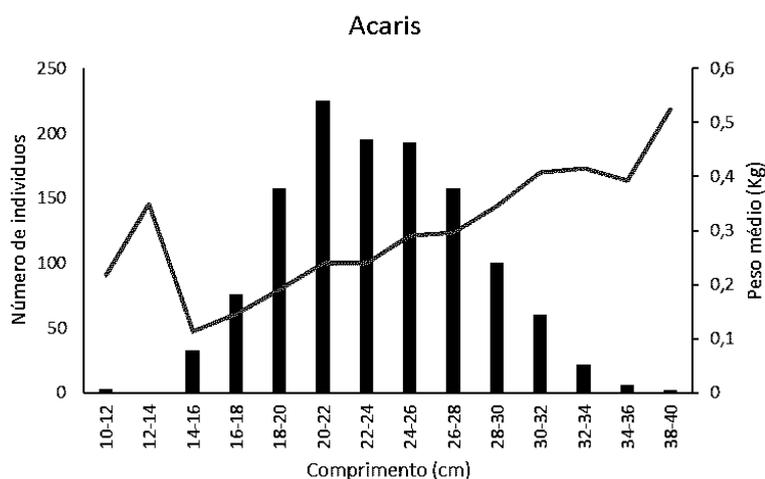


Figura 21 - Comprimento e peso médio de acaris capturada na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

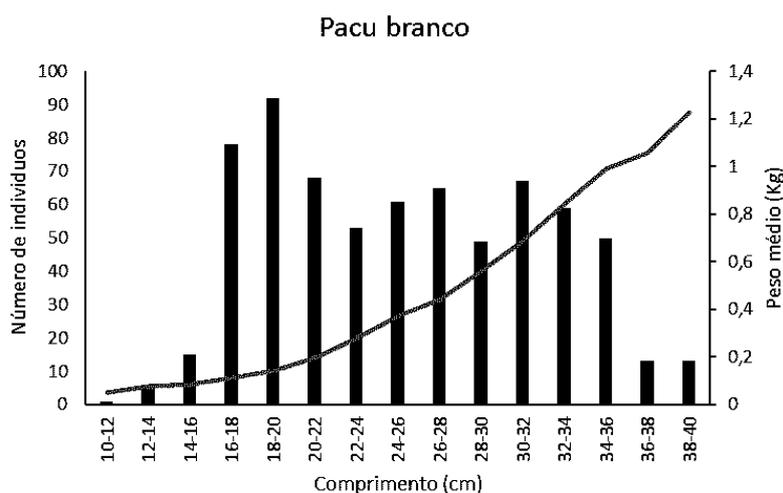


Figura 22 - Comprimento e peso médio do pacu branco capturada na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

A pescada branca teve um mínimo de 15,00 cm de comprimento, máximo de 57,00 cm com média de 38,04 cm ($\pm 7,19$) e peso médio de 0,80 Kg ($\pm 0,45$) (**Figura 23**). Enquanto os tucunarés tiveram um comprimento mínimo de 6 cm, máximo de 62,00 cm com média de 35,92 cm ($\pm 7,94$) e peso médio de 0,75 Kg ($\pm 0,55$) (**Figura 24**).

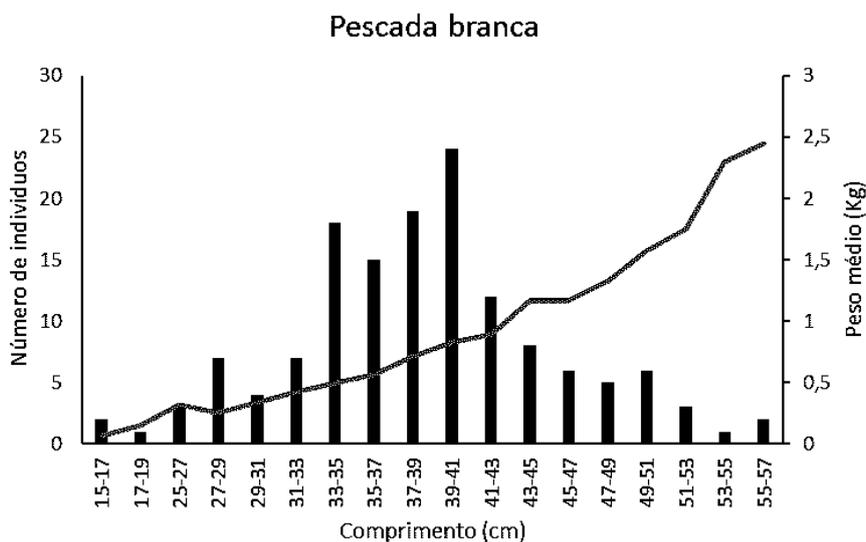


Figura 23 - Comprimento e peso médio da pescada branca capturada na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

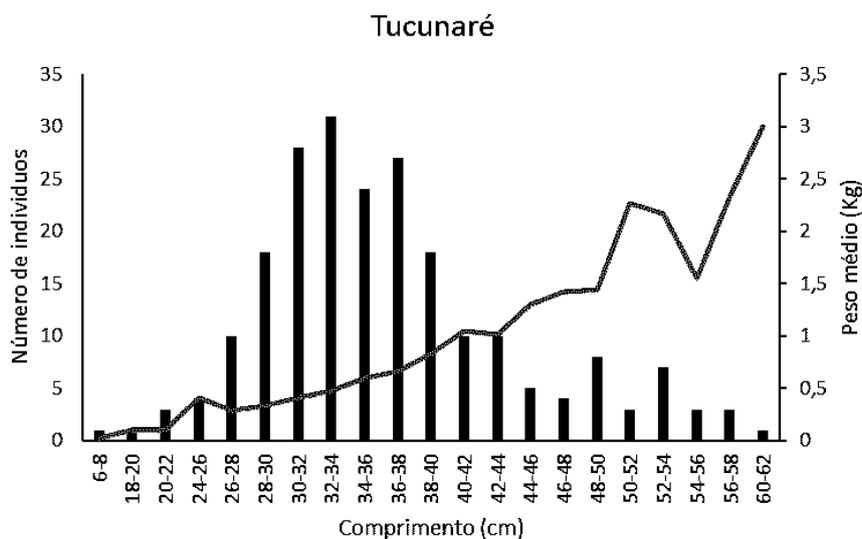


Figura 24 - Comprimento e peso médio do tucunaré capturado na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

3.1.9. FRUTAS ASSOCIADAS A PESCA

As frutas estão associadas as pescarias principalmente nos períodos de enchente e cheia, quando as árvores estão frutificando e os peixes entrando nos igapós para se alimentar.

No entanto, como este relatório abrange apenas o último mês da cheia (maio) seus resultados são apenas uma pequena parte da realidade da região, que só poderá ser melhor interpretada quando houver se completado um ano. Sendo assim, foram registradas apenas 17 pescarias associadas a frutas. 14 delas no mês de maio, 1 em junho e 2 em julho. As frutas utilizadas encontram-se no **Quadro 9**.

Quadro 9 – Espécies vegetais associadas as pescarias na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

Nome comum	Nome científico
Caferana	<i>Bunchosia armeniaca</i> (cf)
Goiabinha de junho	<i>Eugenia</i> sp.
Golosa	<i>Peritassa laevigata</i> (cf)
Jacitara	Indeterminado

Mojuca	Indeterminado
Mumbuca	Indeterminado
Murici	<i>Byrsonima sp</i>
Seringa	<i>Hevea brasiliensis</i>

3.1.10. CPUE

3.1.10.1. CPUE TOTAL

A CPUE variou entre 0,18 kg/pescador*hora na aldeia Furo Seco no mês de agosto até 2,27 kg/pescador*hora na aldeia Paquiçamba no mês de Novembro, com média de 1,34 kg/pescador*hora (**Quadro 10**). Detalhes do esforço, produção e Cpue por aldeia podem ser observados na figura **Figura 25**.

Quadro 10 – Captura por unidade de esforço (CPUE) mensal para as aldeias da TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

	Furo Seco	Miratu	Paquiçamba
Maio	0,69	1,75	0,71
Junho	0,44	2,13	1,53
Julho	0,35	1,75	1,51
Agosto	0,18	2,31	1,23
Setembro	0,62	1,67	0,63
Outubro	0,67	0,72	2,23
Novembro	1,48	1,49	2,27

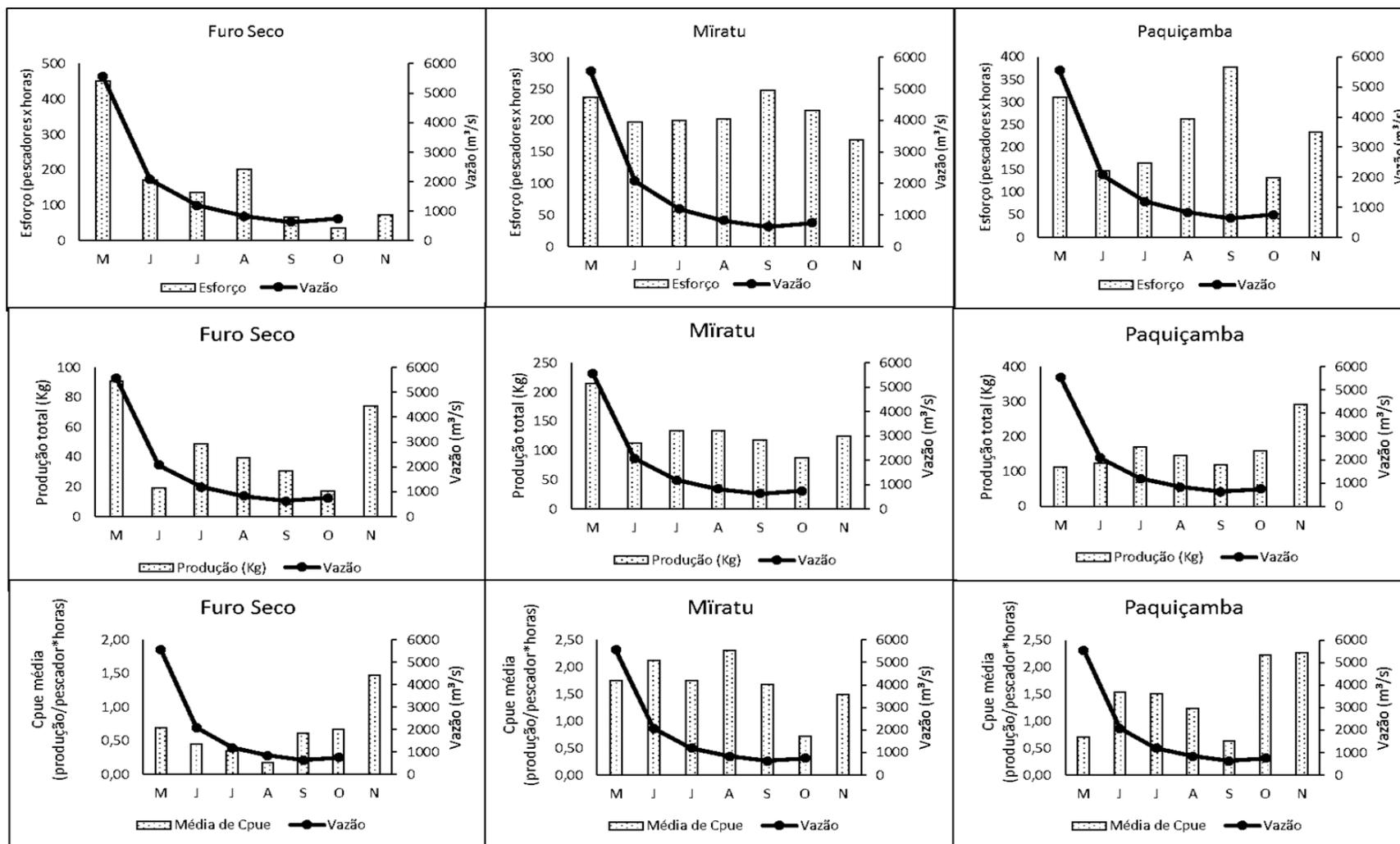


Figura 25 – Esforço (pescador*horas); Produção total e Cpue por mês e aldeia na TI Paquiçamba durante o período de maio a novembro de 2016

Na vazante, a maior CPUE foi na aldeia Miratu, enquanto que na Furo Seco e na Paquiçamba foi maior no período de seca (Quadro 11; Figura 26).

Quadro 11 - Captura por unidade de esforço (CPUE) por período hidrológico para as aldeias da TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

	Furo Seco	Miratu	Paquiçamba
Cheia	0,69	1,75	0,71
Vazante	0,33	2,04	1,43
Seca	0,89	1,35	1,61

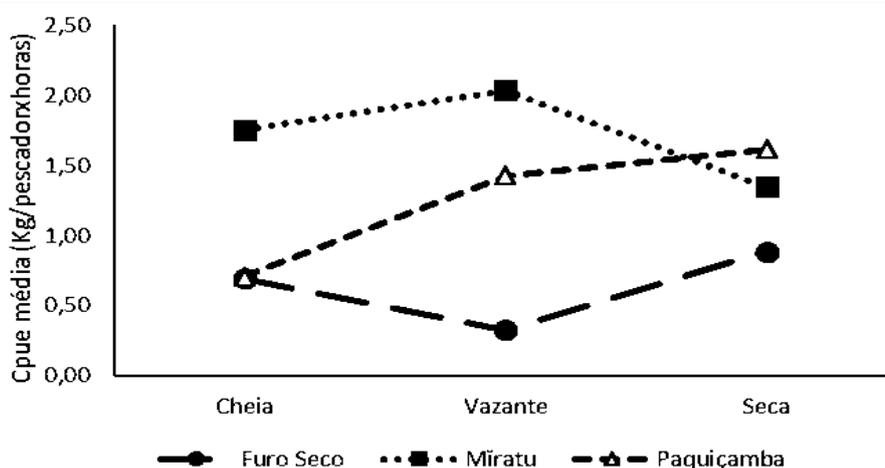


Figura 26 - Captura por unidade de esforço (CPUE) por período hidrológico para as aldeias da TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

3.1.10.2. CPUE POR ARTE DE PESCA

Para as 365 pescarias registradas, 145 foram realizadas com malhadeira e, em média, envolviam 1,6 pescadores e um tempo gasto de 10,5 horas. Ressalta-se aqui, que para o cálculo de Cpue para malhadeiras considerou-se o tempo de espera da arte dentro d'água como parte do esforço de pesca (Quadro 12).

Quadro 12 – Esforço de pesca para as artes de pesca mais importantes registradas na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

	Nº de pescarias	Nº de pescadores	Média de pescadores por viagem	Média de tempo gasto (h)

Malhadeira	145	243	1,68	10,51
Canião	10	18	1,80	3,76
Linha	86	161	1,87	2,67
Tarrafa	53	104	1,96	2,18
Total Geral	294	526	1,79	6,48

Quando se considera a Cpue por arte de pesca ao longo do período monitorado, observa-se que a arte de pesca mais eficaz é a tarrafa com a maior produtividade, seguindo das malhadeiras e canião. A linha demonstrou ser menos produtiva em relação ao esforço envolvido (**Figura 27**).

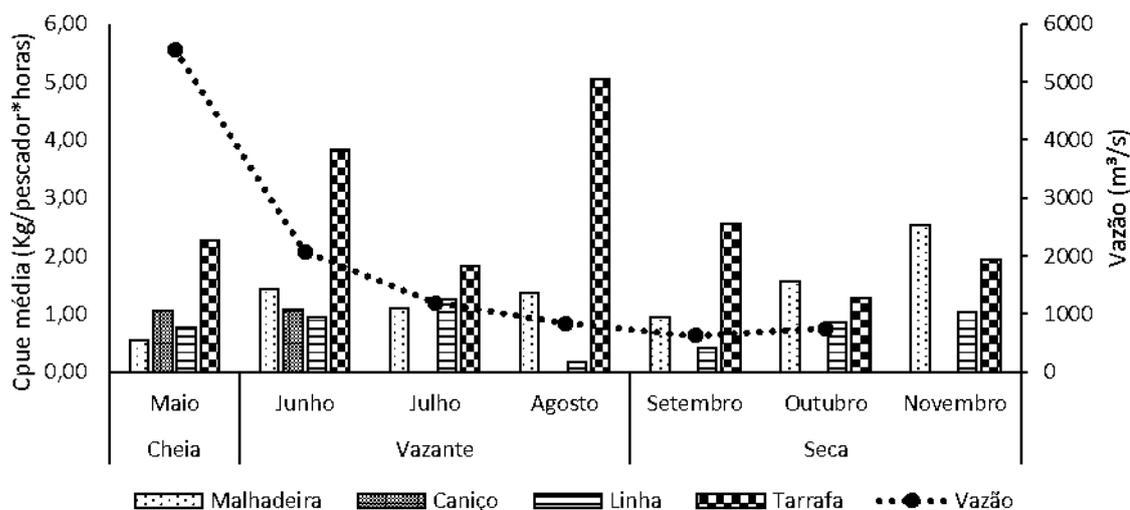


Figura 27– Captura por unidade de esforço (CPUE) para as artes de pesca mais importantes registradas na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

3.1.11. PESCA DE GELO

Durante o período monitorado, foram registradas 13 viagens voltadas exclusivamente para pesca de venda, conhecida como “pesca de gelo”. Essas viagens ocorrem apenas nas aldeias Paquiçamba e Miratu e são realizadas por alguns poucos indígenas. As viagens duraram em média 7 dias e utilizaram de duas artes de pesca malhadeiras e linhas.

O principal comprador de peixes é o Alcides em Altamira, seguido do NT Comércio de Pescados, também em Altamira, outros compradores incluem os próprios indígenas entre outros (**Quadro 13**). A receita bruta dessa atividade nesse período ultrapassou os R\$6.500,00. No entanto, quando se divide esse valor pelo número de pescarias observa-se que em média a receita bruta é de R\$518,07 por viagem.

Quadro 13 - Produção total e receita bruta gerada pelas pescarias comerciais na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

Comprador	Nº de pescarias	Produção (Kg)	Receita Bruta (R\$)
Alcides	7	393,50	R\$ 3.542,00
Gilliarde	1	80,00	R\$ 800,00
NT Comércio de Pescados	3	229,63	R\$ 1.481,50
Outros	2	76,00	R\$ 912,00
Total Geral	13	779,13	R\$ 6.735,50

Quando se analisa o preço de venda, observa-se que os peixes mais valorizados são pescada branca e tucunarés que normalmente são considerados peixes de 1º categoria (**Quadro 14**). Seguido dos pacus e peixes de segunda categoria, que normalmente incluem pacus de médios, fidalgos e outros peixes de porte médio.

A categoria fera inclui piranha, cachorra e traíra/trairão. Enquanto na categoria de salada entram diversas espécies de porte pequeno.

Quadro 14 - Produção total, preço médio de venda e receita bruta gerada pelas pescarias comerciais na TI Paquiçamba de acordo com o tipo de peixe vendido, no período de maio a novembro de 2016.

Tipo de peixe	Produção (Kg)	Preço médio de venda	Receita Bruta (R\$)
Peixes de 1º Categoria	295,00	10,29	R\$ 3.074,00
Peixes de 2º Categoria	49,00	7,50	R\$ 370,00
Ariduia	6,00	4,50	R\$ 27,00
Fera	13,00	3,00	R\$ 39,00
Fidalgo	7,00	7,00	R\$ 49,00

Pacu	47,00	9,00	R\$ 423,00
Pescada branca	30,57	10,00	R\$ 305,70
Salada	170,86	5,13	R\$ 840,20
Tucunaré	147,00	10,67	R\$ 1.498,00
Tucunaré/pescada	13,70	8,00	R\$ 109,60
Total Geral	779,13	7,45	R\$ 6.735,50

Para a análise da produção de pescado para venda, ao longo dos meses monitorados, agregou-se o valor de toda produção indicada como para consumo e venda e venda. Os resultados podem ser observados na figura **Figura 28**. Onde se pode observar uma elevada produção voltada para venda nos meses de maio, setembro e novembro.

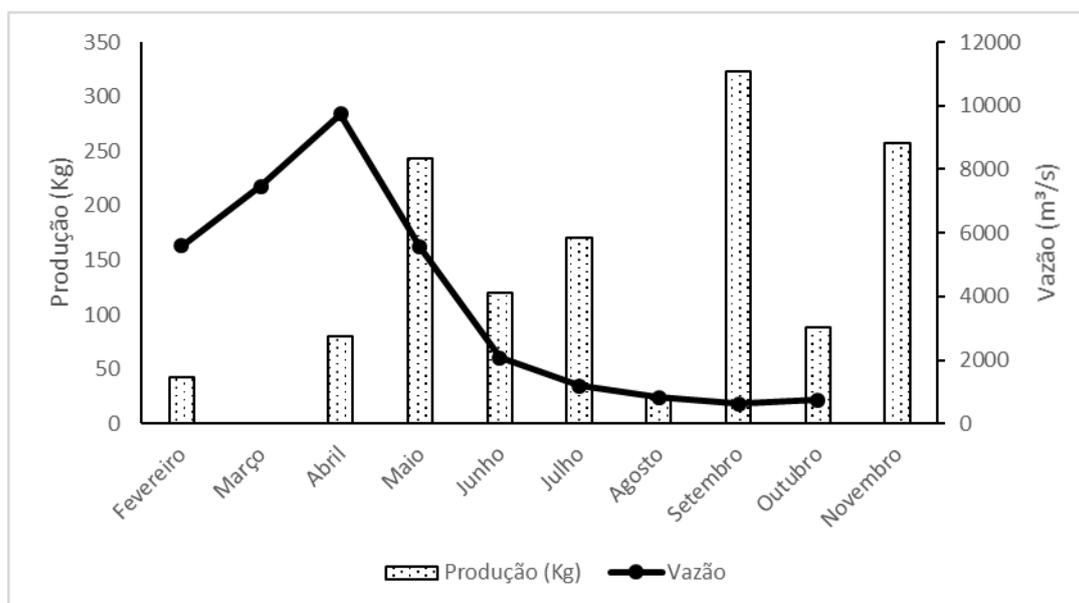


Figura 28 - Produção total de peixes voltados para consumo e venda, venda e registros na pesca comercial na TI paquiçamba no período de fevereiro a novembro de 2016.

3.1.12. PESCA ORNAMENTAL

Foram registradas 57 pescarias de ornamentais, dessas 33 ocorreram no Paquiçamba e 24 no Miratu. Apenas uma pescaria ocorrida no Miratu resultou em nenhuma

captura. Foram capturados 3999 indivíduos ornamentais distribuídos entre 10 etnoespécies, totalizando uma renda bruta de R\$9.589,50 (**Quadro 15**).

O preço médio de venda varia muito conforme o período do ano e demanda de mercado, mas em média o preço do assacu foi maior (R\$16,00) e os tigres de listra e poço tiveram o menor preço (R\$0,70).

Quadro 15 – Número de etnoespécies, preço de venda e renda bruta das pescarias ornamentais registradas na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

EtnoEspécie	Nome científico	Nº de indivíduos capturados	Preço médio de venda	Renda Bruta
Aba laranja	<i>Baryancistrus chrysolomus</i>	249	R\$ 3,68	R\$ 949,00
Amarelinho	<i>Baryancistrus xanthellus</i>	2776	R\$ 0,96	R\$ 2.537,70
Assacu	<i>Pseudacanthicus</i> sp.	10	R\$ 16,00	R\$ 160,00
Boi de bota	<i>Panaque armbrusteri</i>	169	R\$ 3,23	R\$ 621,50
Cutia preta	<i>Scobinancistrus pariolispos</i>	148	R\$ 1,56	R\$ 224,50
Onça	<i>Leporacanthicus heterodon</i>	145	R\$ 2,22	R\$ 323,00
Picota	<i>Scobinancistrus aureatus</i>	60	R\$ 3,43	R\$ 235,00
Tigre de listra	<i>Peckoltia vittata</i>	19	R\$ 0,70	R\$ 16,10
Tigre de poço	<i>Peckoltia sabaji</i>	11	R\$ 0,70	R\$ 7,70
Zebra marrom	<i>Hypancistrus</i> sp.	412	R\$ 11,50	R\$ 4.515,00

Os acaris amarelinhos foram a etnoespécie mais capturada em termos de número de indivíduos no período monitorado (69%). Seguido do zebra marrom (10%) e aba laranja (6%) (**Figura 29**).

Em termos de receita bruta, a etnoespécie mais importante é o zebra marrom (47%) seguido do amarelinho (26%) e aba laranja (10%) (**Figura 30**).

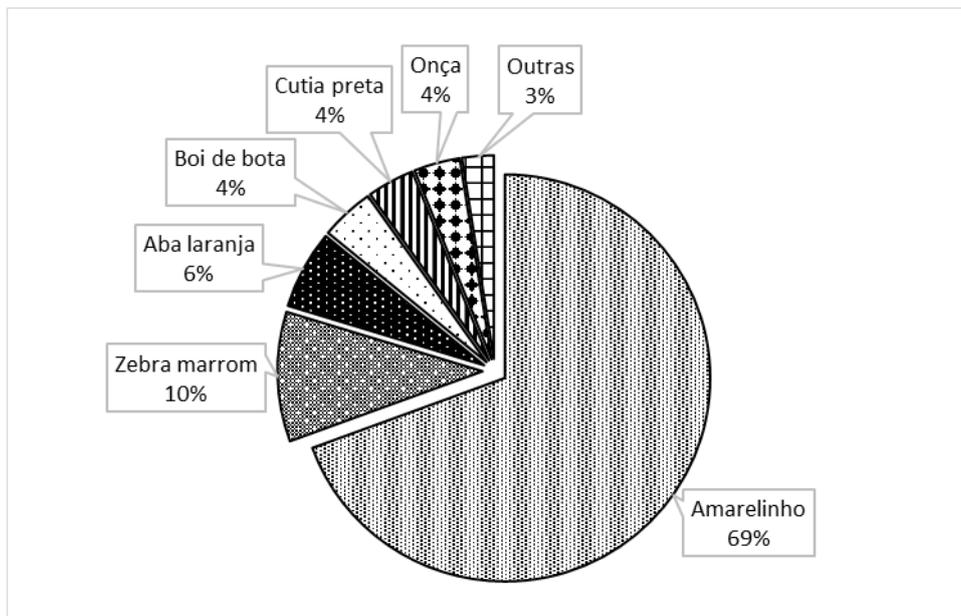


Figura 29 - Porcentagem do número de indivíduos capturados por etnoespécie na TI paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

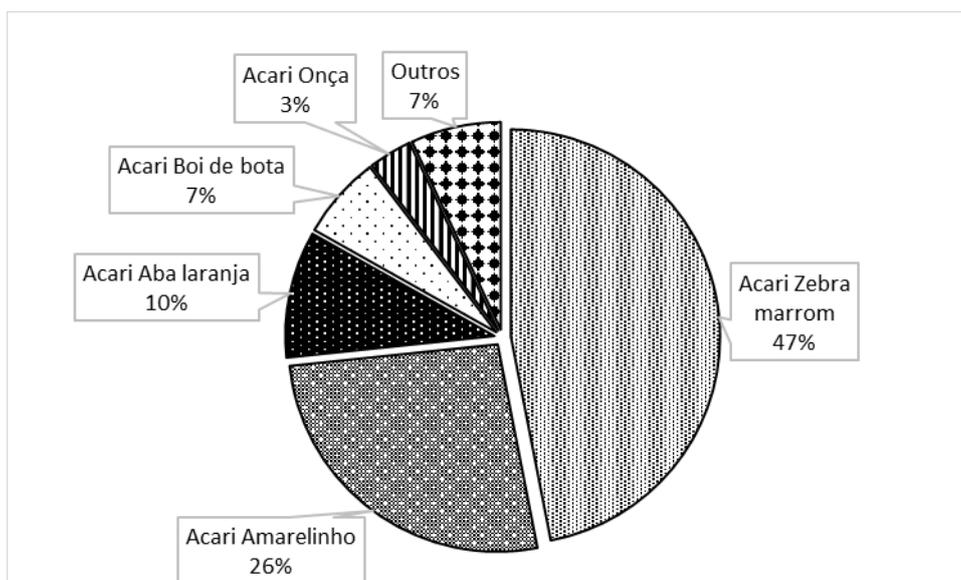


Figura 30 – Porcentagem da receita bruta por etnoespécie na TI paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

3.1.13. CAPTURA DE TRACAJÁS

Foram registradas 34 viagens com produção de tracajás (*Podocnemis unifilis*), destas 21 foram exclusivamente de captura de quelônios e 13 de peixes e quelônios. A maioria das capturas ocorreu na aldeia Paquiçamba (17) (**Quadro 16**).

Ressalta-se que durante o período monitorado, apesar de ser a época de desova das tracajás, não foi registrado nenhuma coleta de ovos de tracajás. Os moradores das aldeias alegam que este ano não encontraram covas para coleta de ovos, e que apesar de continuarem capturando tracajás, observam que a quantidade está diminuindo e que as mesmas estão mais magras do que nos anos anteriores.

Quadro 16 – Pescarias com captura de quelônios na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

	Furo Seco	Miratu	Paquiçamba	Total Geral
Maio	0	2	0	2
Junho	0	2	4	6
Julho	2	2	2	6
Agosto	3	2	5	10
Setembro	0	3	1	4
Novembro	0	1	5	6
Total Geral	5	12	17	34

3.1.13.1. PRODUÇÃO DE TRACAJÁS

Foram capturados 310 indivíduos de tracajá totalizando 454,52 kg. A aldeia Paquiçamba foi responsável sozinha pela metade da captura de tracajás, enquanto a menor produção foi na aldeia Furo Seco (15%) (**Figura 31**).

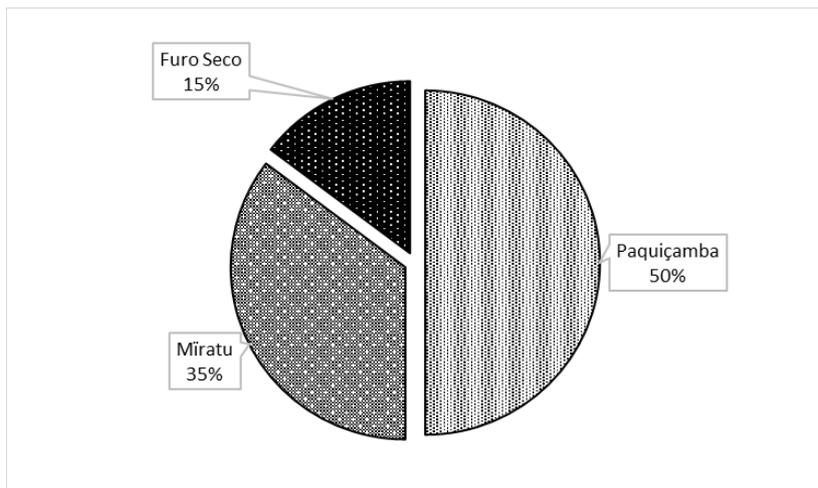


Figura 31 – Procentagem da produção de tracajás por aldeia na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

Ao longo do período monitorado observa-se que a captura das tracajás é extremamente relacionada à vazão do rio, ou seja, durante o período de vazante ocorrem as maiores produções enquanto nos outros meses a produção segue praticamente inexpressiva (**Figura 32**).

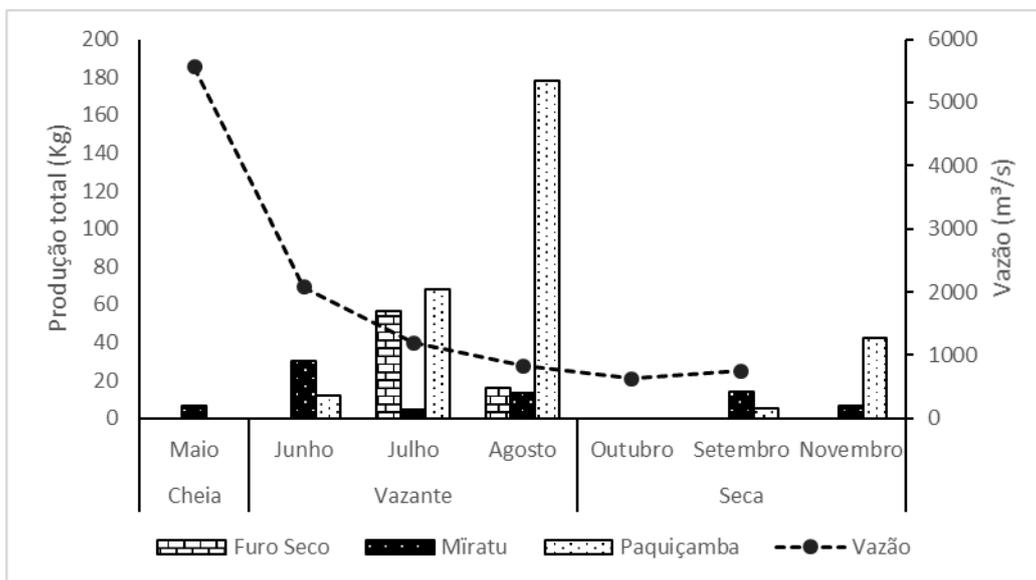


Figura 32 – Produção de tracajás (Kg) ao longo do ano na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

3.1.13.2. PRODUÇÃO DE TRACAJÁS POR ARTE DE PESCA

O principal método de captura das tracajás é o cerco com rabeta ou motor de popa seguido do pulo sobre a tracajá.

Na TI paquiçamba este método representou 65% da captura de tracajás, seguido das capturas em conjunto com peixes (25%) e com auxílio do cilibrim (8%) (**Figura 33**).

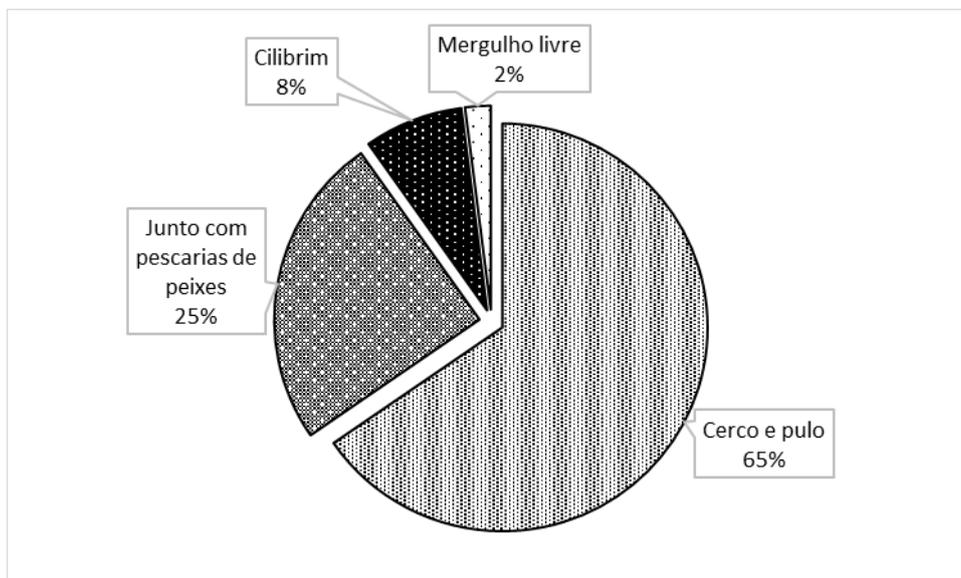


Figura 33– Produção de tracajás por arte de pesca na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

Entre as aldeias, há uma diferença na produção por arte de pesca. Na aldeia Paquiçamba mais de 80% da produção de tracajás está associada ao cerco e pulo enquanto nas outras aldeias a maior parte da captura está associada a pescaria de peixes. Além disso a aldeia Paquiçamba foi a única que utilizou de Cilibrim na captura de tracajás, durante esse período de monitoramento (**Figura 34**).

Isso indica que, em se tratando da captura de tracajás, a aldeia Paquiçamba possui uma pesca mais forte que as outras aldeias, com viagens exclusivas para captura destes quelônios.

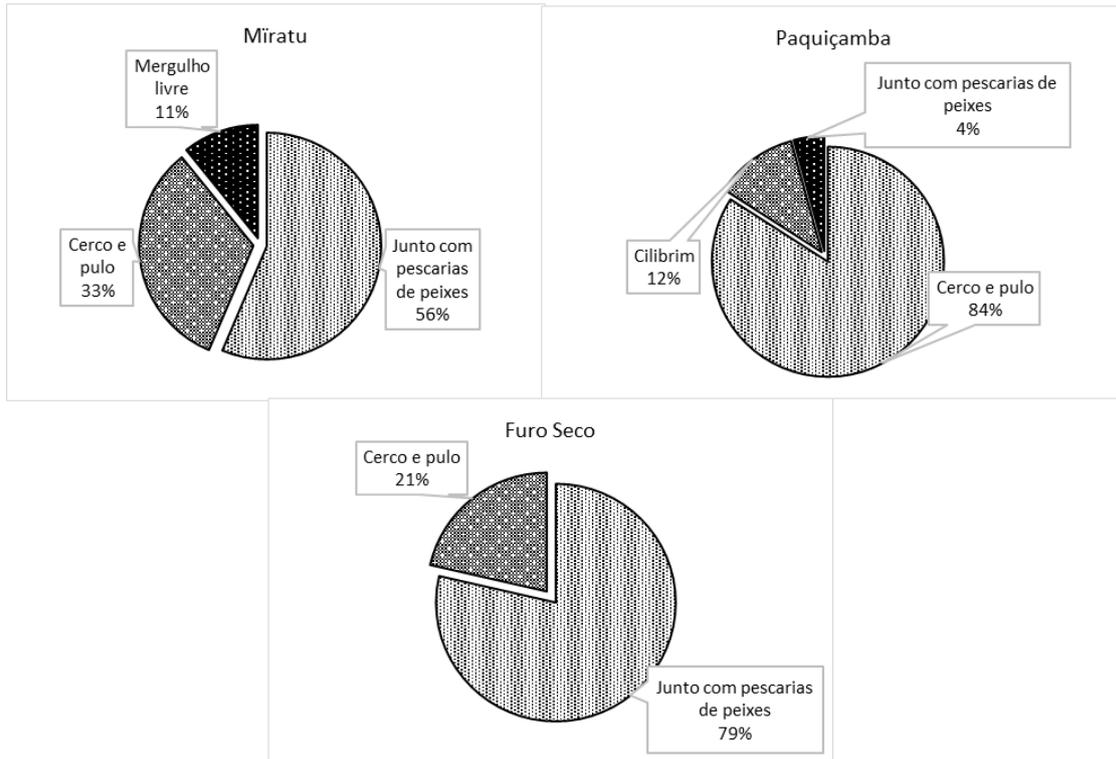


Figura 34 - Produção de tracajás por arte de pesca e por aldeia na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

3.1.13.3. PRODUÇÃO DE TRACAJÁS POR TIPO DE DESLOCAMENTO

A principal forma de deslocamento para captura de tracajás foi o motor de popa (70%) seguido das rabetas (27%) (Figura 35). Isso está diretamente associado à principal forma de captura que é o “cerco e pulo” que é mais eficaz com uso de motores de popa, mas que também pode ser realizado com rabetas.

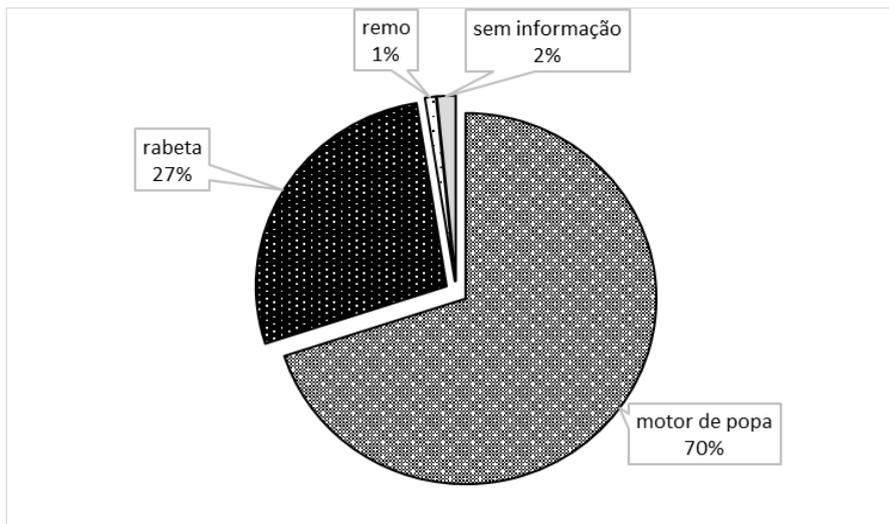


Figura 35 - Produção de trachajás por tipo de deslocamento utilizado na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

3.1.13.4. ESFORÇO E CPUE

Entre as 21 capturas exclusivas de quelônios, observou-se que essas pescarias envolvem em média 3,29 pescadores por viagem e que gastam cerca de 8,31 horas, sendo mais comum durarem entre 2 a 3 horas (**Figura 36**).

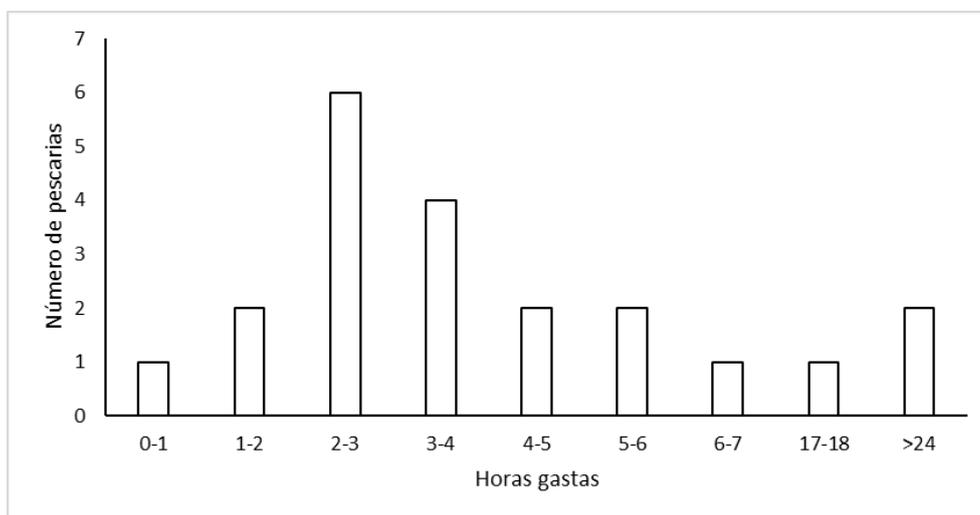


Figura 36 – Número de pescarias com captura exclusiva de quelônios conforme o tempo gasto na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

A Cpue média foi de 1,53 kg de tracajá por pescador por hora de pesca, o maior valor foi registrado no mês de junho na aldeia Paquiçamba (2,48 kg/pescador*hora) e o menor no mês de julho na aldeia Furo Seco (1,00 kg/pescador*hora). Ao longo do ano observa-se que a maior produtividade ocorre na vazante, que conforme já foi dito, é o período de desova das tracajás e favorece a captura (**Figura 37**).

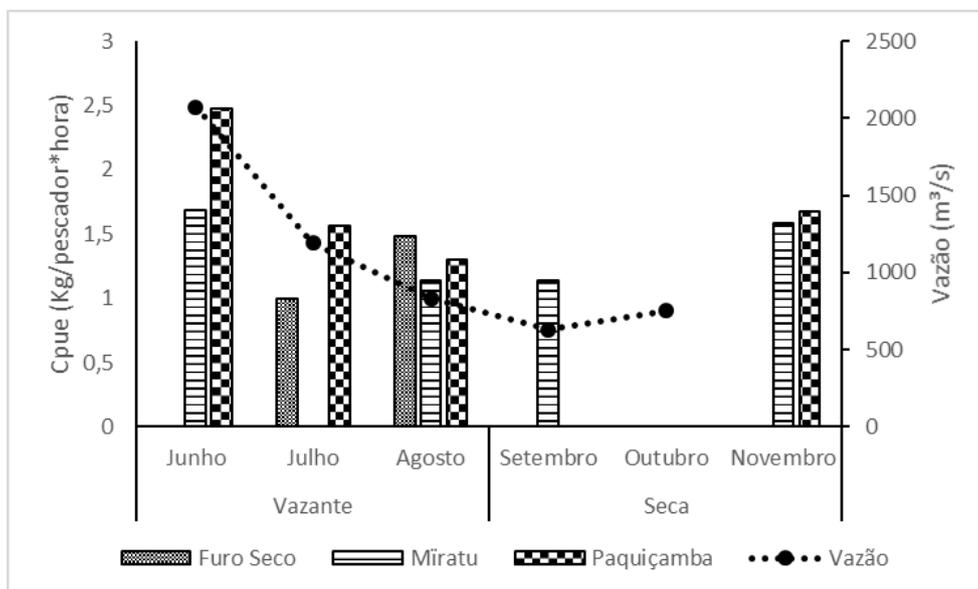


Figura 37 – Captura por unidade de esforço (CPUE) para as tracajás na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

3.1.13.5. ESTRUTURA POPULACIONAL

Dos 310 tracajás registrados, 302 foram considerados na análise de estrutura populacional. O tamanho médio para sexo agrupado foi de 25,08 ($\pm 4,96$) cm de comprimento da carapaça, tamanho mínimo de 11 cm e máximo de 40 cm. O tamanho médio de largura da carapaça foi 23,68 ($\pm 4,35$) cm, mínimo de 11 cm e máximo de 38cm. Ao longo dos meses não se observa mudanças em relação ao comprimento médio e largura da carapaça (**Figura 38**).

A média de peso foi de 1,45 ($\pm 842,43$)kg com o menor indivíduo pesando 100 gr e o maior pesando 5 kg. Os indivíduos mais pesados foram capturados em maio enquanto os mais leves foram capturados em julho durante o período de vazante (**Figura 39**).

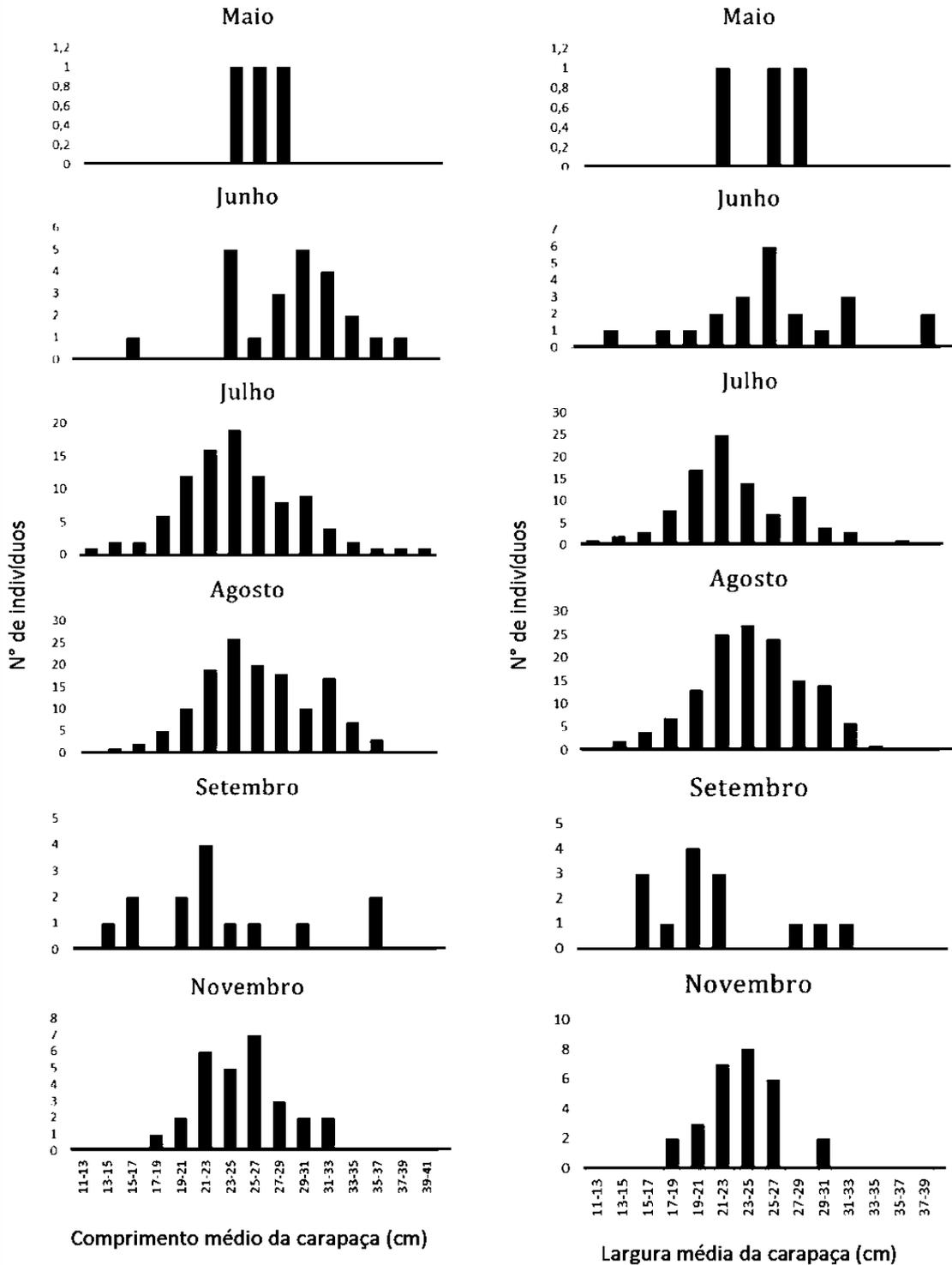


Figura 38 – Comprimento médio e largura média da carapaça das trachajás capturadas na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

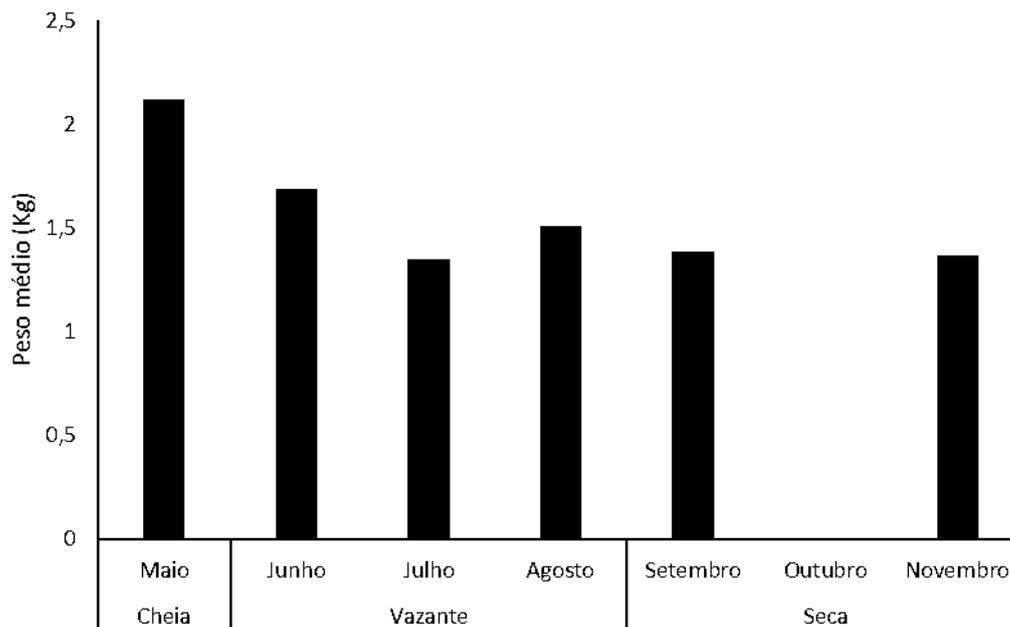


Figura 39 – Peso médio das tracajás capturadas na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de maio a novembro de 2016

3.2. MONITORAMENTO DA CAÇA

3.2.1. O NÚMERO DE CAÇADAS

No período de maio a novembro de 2016 foram registradas 49 caçadas, das quais 19 foram no Miratu, 12 no Paquiçamba e 18 no Furo Seco, com a aldeia Miratu com o maior número de caçadas registradas e Paquiçamba com o menor (**Quadro 17; Figura 40**). Maio foi o mês com a maior atividade de caça, seguido por outubro.

Dessa caçadas monitoradas, 18 delas não resultaram em produção nenhuma, apesar do esforço dos caçadores. Das caçadas sem resultados, 9 ocorreram no Furo Seco, 6 no Miratu e 3 no Paquiçamba.

Quadro 17 - Número de caçadas registradas na TI Paquiçamba por período, mês e aldeia entre os meses de maio a novembro de 2016.

Período	Mês	Aldeia			Total Geral
		Furo Seco	Miratu	Paquiçamba	
Cheia	Maio	2	6	4	12
Vazante	Junho	5	2	0	7
	Julho	3	1	0	4
	Agosto	4	4	0	8
Seca	Setembro	1	1	3	5
	Outubro	3	5	2	10

	Novembro	0	0	3	3
Total Geral		18	19	12	49

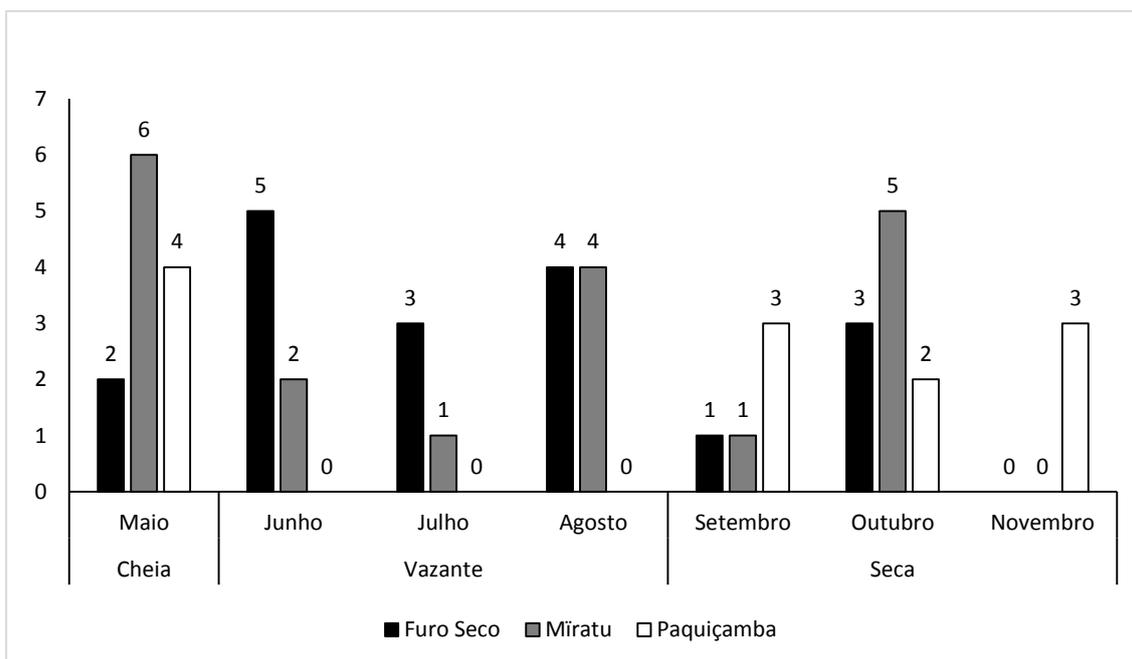


Figura 40 – Caçadas registradas na TI Paquiçamba por período hidrológico, mês e aldeia. No período de maio a novembro de 2016.

3.2.2. A PRODUÇÃO DAS CAÇADAS

A produção total das caçadas registradas foi o abate de 43 animais que resultaram em 511,0 kg. A aldeia Miratu foi responsável pela maior produção, seguida pela aldeia Paquiçamba. O mês de julho foi um mês com baixo número de caçadas e com ausência de produção de caça durante o monitoramento. O mês de maio foi o mês com a maior produção de caça sendo responsáveis por 34,8% da produção total registrada. O período de cheia (compreendido no período deste monitoramento somente pelo mês maio) é quando os Juruna se dedicam mais a atividade da caça devido à dificuldade para se realizar a pesca (Vieira *et al.*, 2009). Uma clara diminuição da produção de caça junto com a diminuição do nível da água do rio Xingu pode ser vista na **Figura 41**. Um detalhamento maior dos dados mês a mês por aldeia pode ser encontrado no **Quadro 18**.

Comparando esse resultado com a produção total obtida com a pesca e captura de tracajás, os peixes foram responsáveis por 71% do total de biomassa obtida nesse período do monitoramento seguido pelos animais de caça responsáveis por 15% e pelos tracajás que representaram 14% (**Figura 42**).

Quadro 18 – Número de animais abatidos e produção total (Kg) das caçadas monitoradas na TI Paquiçamba, no período de maio a novembro de 2016.

Mês	Míratu		Paquiçamba		Furo Seco		Total Geral	
	Nº de animais abatidos	Produção total (kg)	Nº de animais abatidos	Produção total (kg)	Nº de animais abatidos	Produção total (kg)	No de animais abatidos	Produção total (kg)
Mai	8	86,50	4	58,45	2	32,90	14	177,85
Jun	2	2,35	0	0	5	24,40	7	26,75
Jul	0	0	0	0	0	0	0	0
Ago	6	40,75	0	0	3	34,50	9	75,25
Set	1	50,00	2	18,00	0	0	3	68,00
Out	5	54,85	2	37,00	1	1,05	8	92,90
Nov	0	0	3	70,25	0	0	3	70,25
Total Geral	22	234,45	11	183,70	11	92,85	44	511,00

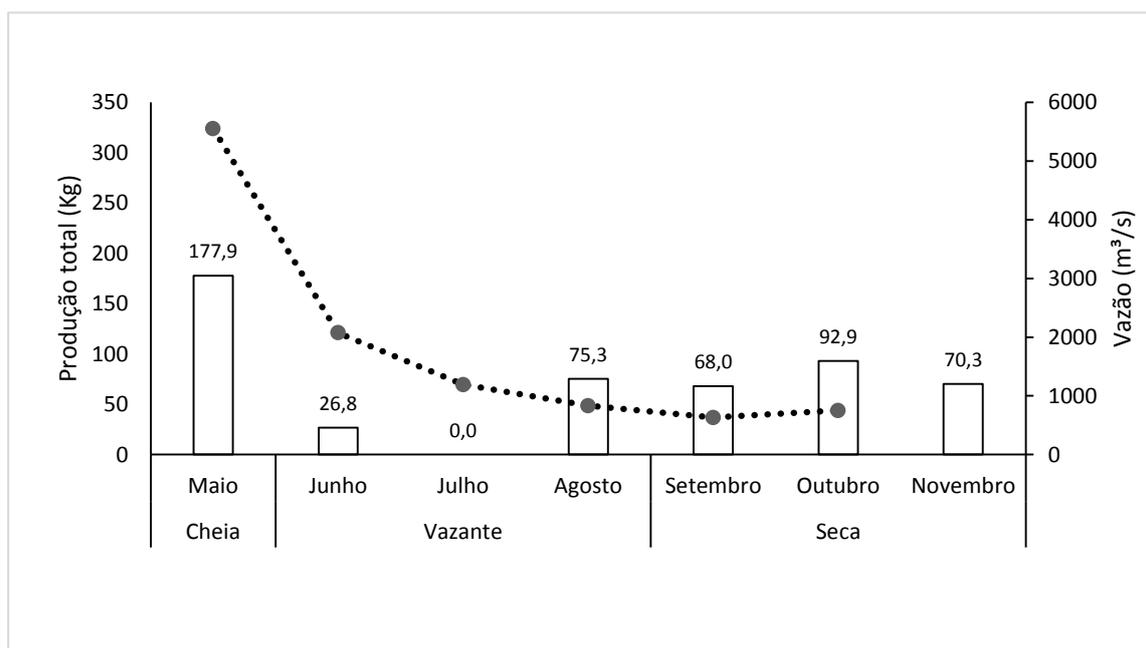


Figura 41 – Produção total das caçadas registradas na TI Paquiçamba por período hidrológico e mês no período de maio a novembro de 2016.

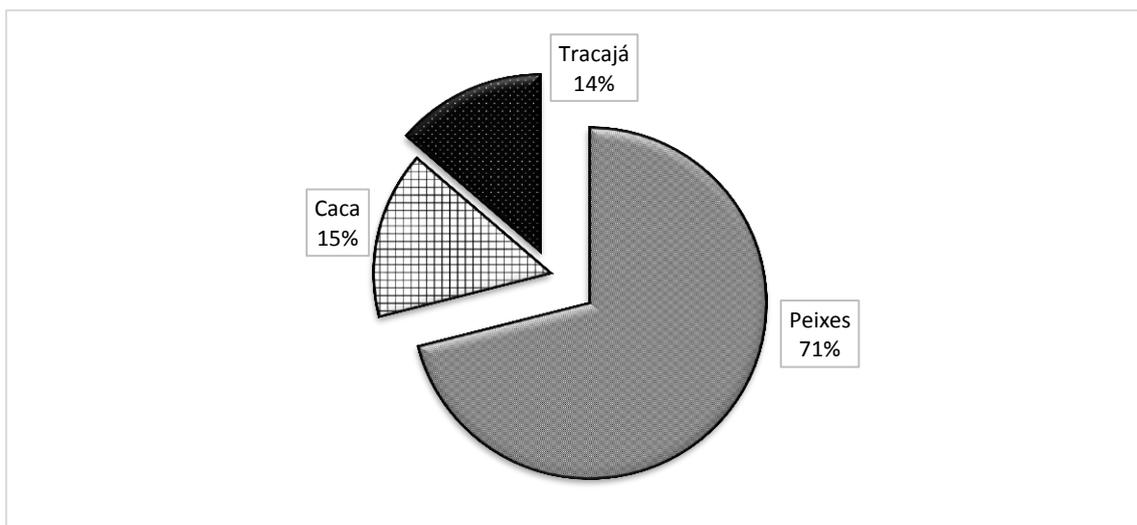


Figura 42 – Porcentagem da produção total dos três principais grupos de animais capturado pelos moradores da TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

3.2.3. PRODUÇÃO POR ESPÉCIE

Durante o período do monitoramento foi registrado o abate de pelo menos 15 espécies de animais de caça (**Quadro 19**). Desse total, 4 espécies, a capivara, o caititu, a paca e a queixada representaram juntas 85,6% da produção total (437,65 kg) (**Figura 43**). Para o caso de alguns poucos animais que não foi possível se obter o peso inteiro (2 capivaras, 1 caititu e 1 jabuti) se utilizou o peso médio obtido a partir de Peres & Nascimento (2006) na região da TI Kayapó, PA, região pertencente à bacia do rio Xingu.

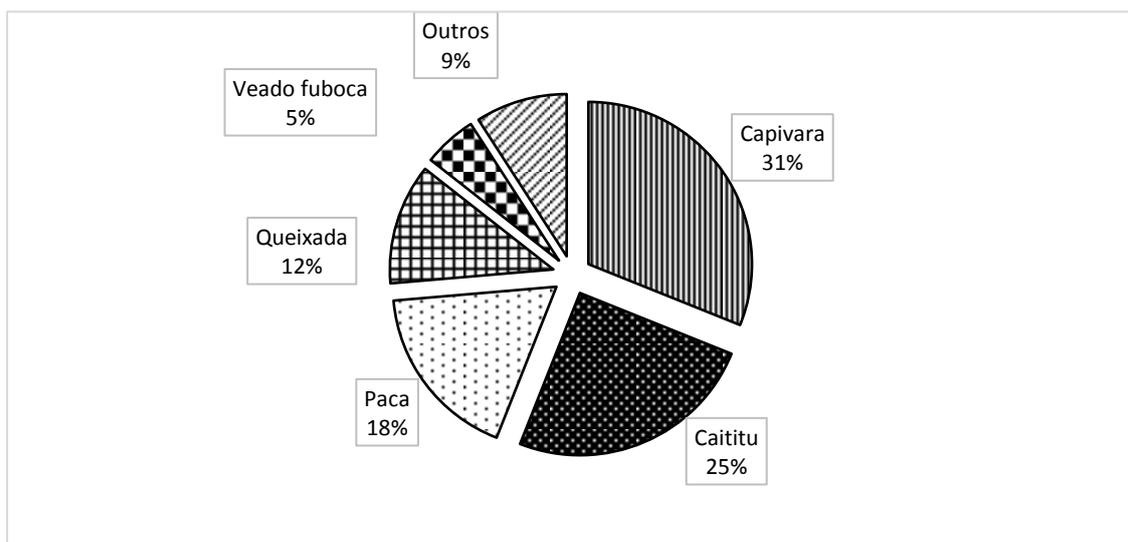


Figura 43 - Porcentagem da produção total registrada por espécie de animal de caça na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

Quadro 19 - Produção total (Kg) por espécies de animais de caça na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

Nome comum	Nome científico	Quantidade	Produção total (Kg)	Porcentagem
Capivara	<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	3	159,00	31,1 %
Caititu	<i>Pecari tajacu</i>	9	127,00	24,9 %
Paca	<i>Agouti paca</i>	11	90,25	17,7 %
Queixada	<i>Tayassu pecari</i>	2	61,40	12,0 %
Veado fuboca	<i>Mazama gouazoubira</i>	2	27,00	5,3 %
Gato mourisco *	<i>Herpailurus yaguarondi</i>	1	12,00	2,3 %
Tatu	<i>Dasybus spp.</i>	2	10,00	2,0 %
Jabutí	<i>Geochelone spp.</i>	3	6,90	1,4 %
Mutum	<i>Mitu spp.</i>	2	6,30	1,2 %
Jacu	<i>Penelope superciliaris</i>	3	3,35	0,7 %
Macaco prego	<i>Cebus apella</i>	1	3,35	0,7 %
Manguari	<i>Ardea cocoi</i>	1	2,10	0,4 %
Arara vermelha	<i>Ara spp.</i>	1	1,35	0,3 %
Maracanã	<i>Ara severa</i>	2	0,75	0,1 %
Curica	<i>Guarouba guarouba</i>	1	0,25	0,04 %

* Não utilizado como alimento.

3.2.4. PRODUÇÃO POR TIPO DE ARMA E/OU ESTRATÉGIA

As espingardas 12, 16, 20, 28, 32 e o rifle 22 são as armas de caça mais utilizadas pelos caçadores da TI Paquiçamba para o abate dos animais de caça. A produção

com o uso dessas armas de fogo representou 75,6% da produção de biomassa de carne de caça total (**Quadro 20**). A espingarda 20 é a mais comum e a mais utilizada, tendo sido responsável por 28,4% da produção total.

Quadro 20 - Produção total (Kg) por espécies de animais de caça na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

Arma e/ou técnica utilizada	Nº de caçadas realizadas	Nº de animais capturados	Produção total (Kg)
Espingarda 12	1	1	1,35
Espingarda 16	9	3	34,50
Espingarda 20	20	16	145,05
Rifle 22	2	2	33,05
Espingarda 28	4	3	8,75
Espingarda 32	1	2	37,00
Espingarda 16 e 20	1	1	31,40
Espingarda 20 e 28	3	9	95,00
Espingarda 20, 22 e 28	1	0	0,00
Facão	2	2	18,00
Mão	4	4	56,90
Sem informação	1	1	50,00

3.2.5. PRODUÇÃO POR DESLOCAMENTO

A análise das caçadas realizadas por forma de deslocamento demonstra a crescente dependência dos caçadores da TI Paquiçamba aos motores de popa, uma tecnologia relativamente recente na região e com alto consumo de combustível. Caçadas realizadas com motores de popa foram a terceira forma de caçada mais produtiva sendo responsável por 22,5% da produção total de biomassa de caça. Uma inovação possível somente nos últimos anos com a abertura das estradas para acesso as aldeias, as caçadas com o uso de motos, ou mesmo de carros, estão sendo cada vez mais comuns e representaram, juntas, 23,9% da produção total (**Quadro 21**).

Quadro 21 - Produção total (Kg) das caçadas realizadas na TI Paquiçamba pela forma de deslocamento no período de maio a novembro de 2016.

Forma de deslocamento	Nº de caçadas realizadas	Nº de animais capturados	Produção total (Kg)	Porcentagem
A pé	20	20	153,70	30,1 %
Motor rabeta*	7	7	120,35	23,6 %
Motor de popa*	5	4	114,80	22,5 %
Moto*	12	10	84,80	16,6 %
Carro*	4	3	37,35	7,3 %
Remo*	1	0	0,0	0 %

* Inclui caçadas que foram complementadas com deslocamento a pé.

3.2.6. PRODUÇÃO DE ACORDO COM A ATIVIDADE PRINCIPAL DO CAÇADOR

A grande maioria da biomassa de caça abatida pelos caçadores da TI Paquiçamba, 66,7% ocorreu quando a atividade principal que estavam realizando era uma caçada propriamente dita (**Quadro 22**). Atividades de caça associada com a pesca e com o trabalho na roça são atividades de relativa importância sendo responsável cada uma por pouco mais de 10% da produção total para o período.

Quadro 22- Produção total (Kg) das caçadas realizadas na TI Paquiçamba de acordo com a principal atividade que o caçador estava realizando nas caçadas realizadas no período de maio a novembro de 2016.

Atividade principal que estava realizando	Nº de caçadas realizadas	Nº de animais capturados	Produção total (Kg)	Porcentagem
Caçando	32	29	341,00	66,7 %
Pescando	3	3	55,35	10,8 %
Outros	3	3	55,40	10,8 %
Trabalhando na roça	6	5	54,40	10,6 %
Coletando	2	2	3,00	0,6 %
Em casa	2	2	1,85	0,4 %
Sem informação	1	0	0	0 %

3.2.7. OS LOCAIS DE CAÇADA

A importância dos locais de roça e capoeiras para as caçadas dos moradores da TI Paquiçamba fica clara quando se analisa a produção por locais de caça. No período desse monitoramento esses ambientes foram os principais fornecedores das carnes de caça, sendo responsáveis por 33,9% da biomassa total. Os ambientes aquáticos associados com o rio Xingu, como suas ilhas, também são locais muito importantes para as caçadas realizadas na TI Paquiçamba, responsáveis pela segunda maior produção com 26,1% do total. A produção de caça das áreas de terra firme dentro da TI Paquiçamba foi responsável pela terceira mais importante produção de biomassa, com 20,1%, e estão sempre associadas aos baixões e grotas para onde os animais se deslocam para beber água (**Quadro 23**).

Quadro 23- Produção total (Kg) das caçadas realizadas na TI Paquiçamba de acordo com a principal atividade que o caçador estava realizando nas caçadas realizadas no período de maio a novembro de 2016.

Local	Nº de caçadas realizadas	Nº de animais capturados	Produção total (Kg)	Porcentagem
Roças e capoeiras	15	17	173,90	33,9 %
Ambientes associados com os corpos de água do rio Xingu	8	6	133,35	26,1 %
Grotas e baixões	6	6	102,90	20,1 %
Sem informação	4	4	60,60	11,9 %
Outros	12	6	37,40	7,3 %
Nas imediações da aldeia	4	5	2,85	0,6 %

3.2.8. ESFORÇO E CPUE

Para o cálculo da captura por unidade de esforço para as caçadas realizadas nesse período do monitoramento foram utilizadas somente os 32 registros de atividade de caça na qual a caçada era o objetivo principal. Devido ao número baixo de registro não se separou o resultado por aldeias e sim pelos meses do monitoramento.

As caçadas registradas envolveram em média 1,8 caçadores por atividade, sendo que as caçadas com um único caçador representaram 1/3 do total das caçadas monitoradas. Em média as caçadas duraram 4,5 horas, com os extremos de uma caçada que durou 5 minutos, no caso do abate de 2 maracanãs no terreiro da aldeia e outra caçada que durou 18,5 horas.

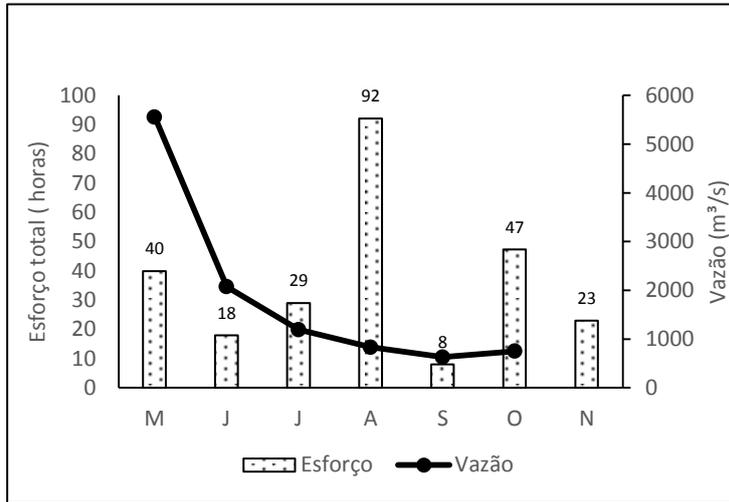
A CPUE variou de 2,95 kg/caçador/hora em maio a 0 kg/caçador/hora em julho e setembro (**Quadro 24; Figura 44**).

Para essas análises, o ideal seria agrupar as CPUE por período hidrológico para dar mais robustez aos dados, o que não foi possível com os dados obtidos até o momento por não corresponderem ainda ao período de um ano completo.

Quadro 24 – Captura por unidade de esforço (CPUE) mensal das caçadas realizadas na TI Paquiçamba no período de maio a novembro de 2016.

	No de caçadas consideradas	Esforço total (horas)	CPUE média (kg/hora)
Maio	7	39,9	2,95

Junho	4	17,9	1,32
Julho	4	29,0	0,0
Agosto	7	92,1	0,80
Setembro	1	8,0	0,0
Outubro	7	47,3	1,24



Novembro	2	23,0	2,91
----------	---	------	------

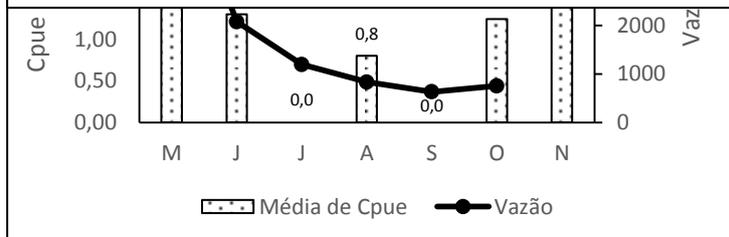
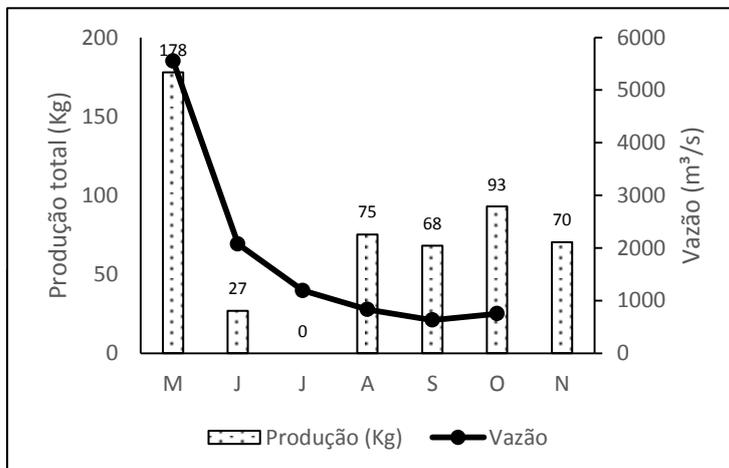


Figura 44 – Esforço total (horas); produção total e CPUE média (kg/caçador/hora) por mês das caçadas realizadas na TI Paquiçamba durante o período de maio a novembro de 2016

4. CONCLUSÕES

De maio a novembro de 2016, 20 monitores indígenas participaram das atividades do monitoramento, 7 da aldeia Mĩratu, 7 da aldeia Paquiçamba e 6 do Furo Seco. A pesca das comunidades Juruna da TI Paquiçamba é baseada em espécies que dependem da variação do nível do rio (períodos hidrológicos) e da oferta de frutas, como por exemplo os pacus. Por isso é importante que sejam monitorados todos os meses do ano para que se possa descrever com mais precisão o estado da pesca do povo Juruna da TI Paquiçamba. A forte relação dos Juruna por peixes frugívoros e dependentes do nível do rio chama a atenção para que o monitoramento da pesca seja deva ser contínuo, uma vez que os efeitos produzidos pelo regime de vazão reduzida nestas espécies ainda são incertos.

Para a pesca de consumo, foram registradas 365 pescarias durante 147 dias de monitoramento acompanhado, sendo 152 para Mĩratu, 139 para Paquiçamba e 74 para o Furo Seco, totalizando uma produção de cerca de 2,3 toneladas, sendo 1122,65 kg para a aldeia Paquiçamba, seguida do Mĩratu com 924,54 kg e do Furo Seco com 319,27 kg. Realizou-se uma estimativa com base nos dias de

monitoramento para os dias úteis por aldeia em cada mês e período hidrológico, num total de 177 dias estimados para a pesca de consumo. A estimativa total foi de cerca de 9,9 toneladas em 177 dias, ou cerca de 4,2 toneladas para a Aldeia Paquiçamba, 3,8 toneladas para o Miratu e 1,9 no Furo Seco. Para os dias do monitoramento acompanhado, registrou-se que 72% das pescarias foram com finalidade de consumo, 22% para consumo e venda, e 2% para venda. E 13 das 365 pescarias não resultaram em produção nenhuma. As estimativas e extrapolações realizadas para a pesca em dias úteis anuais para as três aldeias podem apresentar uma variação significativa.

Como este é um relatório parcial e ainda não se tem a amostragem de um ano completo, só foram considerados os períodos de vazante e seca, ambos com 3878,05 Kg e 4113,52 Kg, respectivamente, portanto, ainda não se pode estabelecer o perfil de produção em todos os períodos hidrológicos.

Com relação à produção por Etnoespécies, cerca de 48 etnoespécies foram capturadas nas 361 pescarias. A curimata foi a espécie com maior produção (23%) seguida dos acaris (18%), Pacu branco (13%), Tucunaré (7%) e Pescada branca (5%), juntas estas espécies representam 66% da produção total registrada na TI Paquiçamba.

As pescarias realizadas com malhadeiras representaram 59% da produção total desembarcada, seguida pela tarrafa (13%), linha (11%) e as combinações (10%), juntas estas 4 artes foram responsáveis por mais de 90% da produção. As pescarias utilizaram 4 formas de deslocamento: motor de popa, remo, motor de rabeta, e a pé. O motor de rabeta representou 42% do total de biomassa pescada na TI Paquiçamba. As pescas de remo e motor de popa representaram ambas cerca de 38% do total registrado durante o monitoramento acompanhado.

As frutas representam uma importante associação etnoecológica, característica da pesca artesanal na TI Paquiçamba. Foram registradas 17 pescarias associadas a frutas. 14 delas no mês de maio, 1 em junho e 2 em julho. Registrou-se um total de 8 etnoespécies de frutas utilizadas na pesca durante o período do monitoramento acompanhado, no entanto, ainda não foram monitorados os meses entre dezembro e maio, período em que é maior a pesca associada ao uso e disponibilidade de frutas nativas.

A Captura por Unidade de Esforço média total foi de 0,54 kg/pescador*hora no Furo Seco, 1,69 kg/pescador/hora no Miratu e cerca de 1,40 kg/pescador*hora no

Paquiçamba. A CPUE foi maior para pescarias utilizando tarrafas (2,62 Kg/pescador*hora) A maior CPUE foi de 5,5 kg/pescador*hora utilizando tarrafa no mês de agosto, durante a vazante.

Com relação aos tracajás, em 34 das 365 pescarias houve a captura de 310 tracajás, resultando em uma produção total de 454,52 kg. As capturas de tracajás se concentraram durante a vazante e seca.

Durante o período desse monitoramento foram registradas 49 caçadas, sendo 19 na aldeia Miratu, 18 no Furo Seco e 12 no Paquiçamba. O mês de maio foi o de maior concentração dessa atividade. 18 das caçadas monitoradas não apresentaram resultado nenhum, apesar do esforço investido. No total foram abatidos 43 animais que resultaram em uma produção de 511 kg com a aldeia Miratu apresentando a maior produção seguida da Paquiçamba. O mês de maio foi o de maior produção com 34,8% da produção total e o mês de julho foi o mês com nenhuma produção da atividade de caça.

A caça foi responsável por 15% da produção total de biomassa de origem animal obtida na TI Paquiçamba, os peixes corresponderam a 71% e a captura de tracajás a 14%.

Salienta-se que o presente relatório não contempla dados de um ciclo hidrológico completo, portanto, embora na percepção dos moradores da Volta Grande do Xingu alguns impactos já estejam ocorrendo, seria precoce fazer inferências com relação às transformações ocorridas na pesca em função do regime de vazão reduzida e comparações com os anos anteriormente monitorados. Estas análises serão feitas na entrega do relatório final do monitoramento da caça e da pesca a ser elaborado e apresentado ao fim do segundo semestre de 2017.